

EMMIO

TOI

KE

O

MIE

Ministério do Turismo por meio da through the Secretaria Especial da Cultura,
Itaú e and Instituto Tomie Ohtake apresentam present



PATROCÍNIO
SPONSORSHIP



PARCEIROS INSTITUCIONAIS DO
NÚCLEO DE CULTURA E PARTICIPAÇÃO
INSTITUTIONAL PARTNERS OF CULTURE AND PARTICIPATION



IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO
REALIZATION AND COORDINATION



APOIO DE MÍDIA
MEDIA PARTNERS



REALIZAÇÃO
REALIZATION



Pronac: 203086

8° PRÊMIO ARTES TOMIE OHTAKE

8th Tomie Ohtake Arts Award

19 novembro November 2022
5 fevereiro February 2023



When it was created in 2009, the Tomie Ohtake Arts Award had its primary intentions clear. In that moment, the idea of a visual arts award was compatible with the foundational parameters of the institution, putting in evidence the young contemporary production of Brazilian art while it, simultaneously, transformed this event into another instance of education and promotion.

After seven accomplished editions with artists of the most varied origins and profiles, Instituto Tomie Ohtake decided to propose a unique and celebratory one. The year of 2022 marks 20 years of this institution, which carries the name of a cisgender woman artist whose extremely disruptive trajectory has performed a crucial role in the history of Brazilian art. With her long-lasting and multiple production, Tomie has taken on the occupation of visual artist later in life, which did not prevent her from building an expressive legacy.

And so, the purpose of the 8th edition of the Tomie Ohtake Arts Award has been born – it is aimed exclusively at the production of Brazilian cis and transgender women, *travesti* and non-binary artists, with no age limit. We stem from the hypothesis that, in spite of the growing initiatives directed at gender equality in visual arts, whether in collective shows, awards or publications, they have still been in-

Quando surgiu, em 2009, o Prêmio Artes Tomie Ohtake tinha claros seus desígnios primordiais. Naquele momento, a ideia de uma premiação em artes visuais era condizente com os parâmetros fundacionais da instituição, colocava em evidência a jovem produção contemporânea da arte brasileira e, concomitantemente, fazia dessa realização mais uma instância de formação e fomento.

Após ver concretizadas sete edições com artistas das mais diversas proveniências e perfis, o Instituto Tomie Ohtake decidiu propor uma edição singular e comemorativa. O ano de 2022 marca os 20 anos desta instituição, que leva o nome de uma artista mulher cisgênero, cuja trajetória extremamente disruptiva desempenhou um papel crucial na história da arte brasileira. Tomie, com sua produção longa e múltipla, assumiu o ofício das artes visuais já tardiamente, o que não a impediu de construir um legado expressivo.

Nasceu, então, o propósito desta 8ª edição do Prêmio Artes Tomie Ohtake, direcionada exclusivamente à produção de artistas mulheres cis e transgêneros, travestis e pessoas não binárias, sem limite etário. Partia-se da hipótese de que, apesar das crescentes iniciativas direcionadas à igualdade de gêneros nas artes visuais, seja em mostras coletivas, seja em premiações e publicações, elas ainda se faziam insuficientes, repletas de hiatos e indaga-

sufficient, full of gaps and inquiries. This edition has been outlined based on these questions, no longer following the same guidelines that once originated this Award in Instituto Tomie Ohtake almost a decade ago.

Betting on a new format has clearly proven itself successful: around 1,900 artists of different regions in the country have sent portfolios and proposals for the occupation of the Instituto's rooms. If the sample already seemed extremely fruitful, its diversity in relation to race, gender identity, education and age not only strengthened the group, but also put us before a production filled with vigorous poetics and directed at urgent matters of current Brazil. It is worth highlighting that numerous other equally fascinating shows and events would have been possible, such was our gratitude and surprise in the face of the panorama provided by the applications.

Instituto Tomie Ohtake effusively thanks each person who has enrolled in this edition, the jury members that have participated in the entire follow-up process and, mainly, to Itaú for its fundamental support. We also thank the Special Secretary of Culture of the Ministry of Tourism, which has allowed for this initiative through its incentive laws.

ções. Com base nesses questionamentos, esta edição se delineou, já não mais com as mesmas diretrizes que originaram, há quase uma década, esse Prêmio no Instituto Tomie Ohtake.

A aposta em um novo formato fez-se claramente profícua: cerca de 1.900 artistas de diferentes regiões do país enviaram portfólios e propostas para ocupação das salas do Instituto. Se a amostragem já parecia extremamente frutífera, a diversidade desse grupo no que tange a raça, identidade de gênero, formação e faixa etária não somente fortaleceu o recorte, como também nos colocou diante de uma produção repleta de poéticas pujantes e voltadas a questões urgentes no Brasil de hoje. Vale ressaltar que seriam possíveis outras inúmeras mostras e realizações igualmente fascinantes, tamanha a nossa gratidão e a surpresa diante desse panorama de inscrições.

O Instituto Tomie Ohtake agradece efusivamente a cada uma das pessoas inscritas nesta edição, às juradas que participaram de todo o processo de acompanhamento e, principalmente, ao Itaú por seu apoio fundamental. Agradecemos também à Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo, que, por intermédio de suas Leis de Incentivo, permitiu viabilizar esta iniciativa.



Instituto Tomie Ohtake is a non-profit cultural center with vast and free programs that overflow the quality of its exhibitions to – through the activities of the Culture and Participation Department – offer a rich educational program, sociocultural projects and a series of awards in the fields of art, architecture and design.

Contemporary and transversal themes in relation to the multiple languages articulated by these awards configure a singular field of action for us to pose questions “with” and “to” society, seeking to amplify meanings that establish dialogue and welcome an increasingly diverse audience.

Recognizing the production of artists, architects and designers means committing to an intense collective process that involves numerous collaborators to map, listen, research and reflect on contemporary production. The result of the 8th edition of the Tomie Ohtake Arts Award is gathered here through texts and pictures that reflect the dialogue between institution, artists, curators and researchers, including expressions, interactions, spontaneity and the participation of diverse people, to which we thank for the dedication and exchange opportunity.

Closely observing the creation processes, fostering experimentation and reverberating this production of knowledge through publications such as this one are ways of expanding, beyond the exhibition room, the in-and-out movements of a cultural institution, occupying spaces and debates we wish to empower.

O Instituto Tomie Ohtake é um centro cultural sem fins lucrativos com ampla programação gratuita que transborda a qualidade de suas exposições para, a partir das atividades do Núcleo de Cultura e Participação, oferecer um rico programa educativo, projetos socioculturais e um conjunto de premiações de arte, arquitetura e design.

Os temas contemporâneos e transversais às múltiplas linguagens articuladas por esses prêmios configuram um campo singular para que possamos produzir questionamentos “com” e “para” a sociedade, procurando amplificar sentidos que estabeleçam diálogo e acolham um público cada vez mais diverso.

Reconhecer a produção de artistas, arquitetos e designers significa nos implicar num intenso processo coletivo que envolve inúmeros colaboradores para mapeamento, escuta, pesquisa e reflexão sobre a produção contemporânea. O resultado da 8ª edição do Prêmio Artes Tomie Ohtake encontra-se aqui reunido em textos e imagens que refletem o diálogo entre instituição, artistas, curadoria e pesquisa, abrindo expressões, interações, espontaneidades e a participação de pessoas diversas, às quais agradecemos pela dedicação e oportunidade de troca.

Acompanhar de maneira próxima processos de criação, apoiar a experimentação e reverberar essa produção de conhecimento por meio de publicações como esta são modos de expandirmos para além do espaço expositivo os trânsitos entre dentro e fora de uma instituição cultural, ocupando os espaços e debates que desejamos fortalecer.

CAROL TONETTI

Diretora do Núcleo de Cultura e Participação
Director of the Culture and Participation

AWARDS, PROCESSES AND STEPS

Awards consist of public acknowledgments of certain productions' excellence and bring visibility to artists and their trajectories. The Tomie Ohtake Arts, Architecture and Design Awards in dialogue – although in different editions – demonstrate the institution's effort of reflecting on the contemporary production that stems from these three professional fields. Originally conceived as a map of productions by young people, they have recently been revised and reformulated aiming at revealing contemporary works and promoting wider, more plural and inclusive processes.

In the eighth edition, the age limit for enrolling in the Arts Award has been expanded and the call has been envisioned as directed at cis and trans women, as well as non-binary people. The edition's success may be quantified not only through its almost two thousand applications but also through its territorial scope (artists from 25 Brazilian states and the Federal District) and age range between 18 and 79 years old, revealing the reach and consolidation of the Award in the national context. In this sense, the seven invited jury members – independent curators and/or workers of different Brazilian cultural institutions – have regarded the productions carefully in order to select the constellation of artists that would show their pieces in the 2022 exhibition.

The three awards show works and prototypes to the public in exhibitions carried out in the Instituto's physical spaces, but the Arts Award also has, as one of its most interesting attributes, an enriching follow-up process between jury members and artists. During these encounters, occurred between the months of September and October, paths have been revealed; materials and media have been discussed; languages, formats and presentations have been analyzed and displayed in the Instituto Tomie Ohtake's exhibition rooms, seeking contrasts, crossings and/or dialogues.

This catalogue unveils a small part of these exchanges through the interpretations developed by Aline Albuquerque, Horrana de Kássia Santoz, Júlia Cavazzini, Priscyla Gomes, Renata Bittencourt, Rita Vênus and Sallisa Rosa, who, in addition to presenting artists, trajectories and works, reflect on interests, processes, yearnings and results, moving the analysis beyond the conception of the object.

The format adopted by the 8th Tomie Ohtake Arts Award proposes itself as a democratic opportunity of welcoming, in the institution, the works of artists in diverse moments of their careers and pointing towards the urgent inclusion of diversity in relation to gender, race and age – a first step in order to outline advances in the direction of fighting against processes that make artists invisible and for wider representativity in the culture field.

PRÊMIOS, PROCESSOS E PASSOS

Prêmios consistem em reconhecimentos públicos à excelência de determinadas produções e trazem visibilidade a artistas e suas trajetórias. Os Prêmios Arte, Arquitetura e Design Tomie Ohtake em diálogo, embora em edições diferentes, demonstram o esforço da instituição em refletir sobre a produção contemporânea a partir desses três campos de atuação profissional. Originalmente pensados como um mapeamento de jovens produções, foram revistos e reformulados recentemente buscando revelar produções contemporâneas e promover processos mais amplos, plurais e abrangentes.

Na oitava edição, o limite etário para inscrição no Prêmio Artes foi ampliado e previu-se uma edição voltada a mulheres cis e trans e pessoas não binárias. O sucesso da edição pode ser quantificado não apenas pelas quase 2 mil inscrições, como também pela abrangência territorial (artistas de 25 estados brasileiros e do Distrito Federal) e faixa etária entre 18 e 79 anos, que revelam o alcance e a consolidação do Prêmio no contexto nacional. Nesse sentido, as sete juradas convidadas – curadoras independentes e/ou oriundas de diferentes instituições culturais brasileiras – lançaram olhares cuidadosos sobre as produções, de maneira a selecionar a constelação de artistas que iriam apresentar suas obras na exposição de 2022.

Se os três prêmios apresentam-se ao público exibindo obras e protótipos nas exposições realizadas nos espaços físicos do Instituto, o Prêmio Artes tem como um de seus atributos mais interessantes o enriquecedor processo de acompanhamento entre as juradas e o grupo de artistas. Durante esses encontros, realizados entre os meses de setembro e outubro, percursos foram revelados; materiais e suportes foram discutidos; linguagens, formatos e apresentações foram analisados e dispostos nos espaços expositivos do Instituto Tomie Ohtake buscando contrastes, atravessamentos e/ou diálogos.

Este catálogo desvela um pouco dessas trocas a partir das leituras desenvolvidas por Aline Albuquerque, Horrana de Kássia Santoz, Júlia Cavazzini, Priscyla Gomes, Renata Bittencourt, Rita Vênus e Sallisa Rosa, que, além de apresentarem artistas, trajetórias e obras, refletem sobre interesses, processos, anseios e resultados, deslocando a análise para além da concepção do objeto.

O formato assumido pelo 8º Prêmio Artes Tomie Ohtake coloca-se como uma oportunidade democrática de acolher na instituição trabalhos de artistas em diversas etapas da carreira e apontar em direção à urgente inclusão da diversidade no que tange a gênero, raça e faixa etária. Um passo inicial para delinear um avanço rumo ao combate da invisibilização de artistas e ao alcance de maior representatividade no campo da cultura.

SABRINA FONTENELE

Coordenadora de Prêmios do Instituto Tomie Ohtake
Coordinator of Instituto Tomie Ohtake Awards

After all, what pertains to the jury's selection in an award directed at visual arts in Brazil today? The purposes of an award which aims at making artists visible in the Brazilian cultural context hold a series of specificities that seldom surface when the names that integrate the final selection are announced. Avoiding crucial questions concerning the social, political and economic reality of Brazil and associating exclusively with portfolios and projects immediately did not feel like a path to be pursued: it was necessary to highlight the multiple factors that, over centuries, have been restricting the access of different artists to the Brazilian institutional spaces, whether due to racial or gender issues, whether to the colonialist reminiscences that mark the genesis of our society. Moreover, it was urgent and necessary to approach this production on a territorial scale in an effectively plural manner, filled with very distinct ways of not only producing art, but also surviving after having chosen it as a profession.

The task of selecting only 10 names among the almost 1,900 applications has not been easy. The sum was not expected by the institution's coordination nor by the jury members that integrate, in this edition, the committee responsible for evaluating and following up the group of participants of the Tomie Ohtake Arts Award. A few adjustments have been necessary, deadlines have been postponed, we have expanded our team and distributed attributions. These adaptations have sought to provide more time dedicated to each portfolio, each trajectory and each devised proposal. The result has been curiously surprising: we have selected around 100 common names that seemed to reinforce so many wishes of what, to a lot of us, this award should be.

The group of artists presented here shows, in a striking way, robust journeys of the most varied researches, media and techniques. In its "Women" edition, the Arts Award proposes an important focus on gender in the arts, that only seems to make sense to us when it stems from the denial of its very binary reasoning – only in that way can it be composed of cisgender, trans and *travesti* people that present works related to racial issues, the insertion of their bodies in society, motherhood, the choice of daily and unexpected materials as a basis for pictorial production, the idea of affection and respect to the diverse ways of living their sexualities, the dark depths of the world and the experience of regional contexts and festivities, among so many others.

Clara Moreira (Recife, PE), Guilhermina Augusti (Rio de Janeiro, RJ), Jasi Pereira (Salvador, BA), Josi (Itamarandiba, MG), Maria José Batista (Belém, PA), Marjô Mizumoto (São Paulo, SP), Moara Tupinambá (Belém, PA), Panamby (Raposa, MA), Terroristas del Amor (Fortaleza, CE) and Vulcanica Pokaropa (Presidente Bernardes, SP) present here the result of months of exchange and dialogue, and the possibility of getting closer and better understanding their work fills us with joy and gratitude.

Afinal, o que cabe à seleção do júri em uma premiação voltada às artes visuais no Brasil, hoje? Os propósitos de uma premiação destinada a visibilizar artistas no contexto cultural brasileiro guardam uma série de especificidades que nem sempre vêm à tona quando são anunciados os nomes escolhidos para integrar a seleção final. Esquivar-se dessas questões cruciais à realidade social, política e econômica brasileira, atrelando-se exclusivamente aos portfólios e projetos, não nos pareceu de imediato um caminho a ser seguido: era preciso evidenciar muitos dos fatores que, secularmente, restringem o acesso de diferentes artistas aos espaços institucionais brasileiros, seja por questões raciais ou de gênero, seja pelos resquícios colonialistas que marcam a gênese da nossa sociedade. Mais ainda, fazia-se urgente e necessário abordar essa produção em escala territorial de maneira efetivamente plural e repleta de caminhos muito distintos para não somente produzir arte, mas também sobreviver tendo esse ofício como uma escolha.

A tarefa de selecionar somente 10 nomes dentre quase 1.900 inscrições não foi fácil. O montante não era esperado nem pela coordenação da instituição nem pelas juradas que integram, nesta edição, o comitê responsável por avaliar e acompanhar o conjunto de participantes do Prêmio Artes Tomie Ohtake. Foram necessários alguns ajustes, revimos prazos, aumentamos nossa equipe, dividimos atribuições. Essas adaptações visavam propiciar um maior tempo dedicado a cada portfólio, cada trajetória e cada proposta desenhada. O resultado foi curiosamente surpreendente: chegamos a cerca de 100 nomes comuns que pareciam reforçar tantos dos anseios do que, para muitas de nós, deveria vir a ser esta premiação.

O grupo de artistas aqui apresentado traz, de maneira contundente, percursos pujantes das mais diferentes pesquisas, suportes e técnicas. Em sua edição "Mulheres", o Prêmio Artes propõe um importante olhar para um recorte de gênero nas artes que só nos parece fazer sentido, justamente, a partir da rasura de uma própria razão binária, só assim podendo ser composto por pessoas cisgênero, trans e travestis que apresentam trabalhos relacionados a questões raciais, à inserção de seus corpos na sociedade, à maternagem, à escolha de materiais cotidianos e inusitados como base para produção pictórica, à ideia de afeto e respeito a diversas formas de vivência de suas sexualidades, à escura abissalidade do mundo e à vivência de contextos e festividades regionais, dentre tantos outros.

Clara Moreira (Recife, PE), Guilhermina Augusti (Rio de Janeiro, RJ), Jasi Pereira (Salvador, BA), Josi (Itamarandiba, MG), Maria José Batista (Belém, PA), Marjô Mizumoto (São Paulo, SP), Moara Tupinambá (Belém, PA), Panamby (Raposa, MA), Terroristas del Amor (Fortaleza, CE) e Vulcanica Pokaropa (Presidente Bernardes, SP) apresentam aqui o resultado de meses de troca e interlocução, e a possibilidade de aproximação e melhor entendimento de seus trabalhos nos enche de alegria e gratidão.

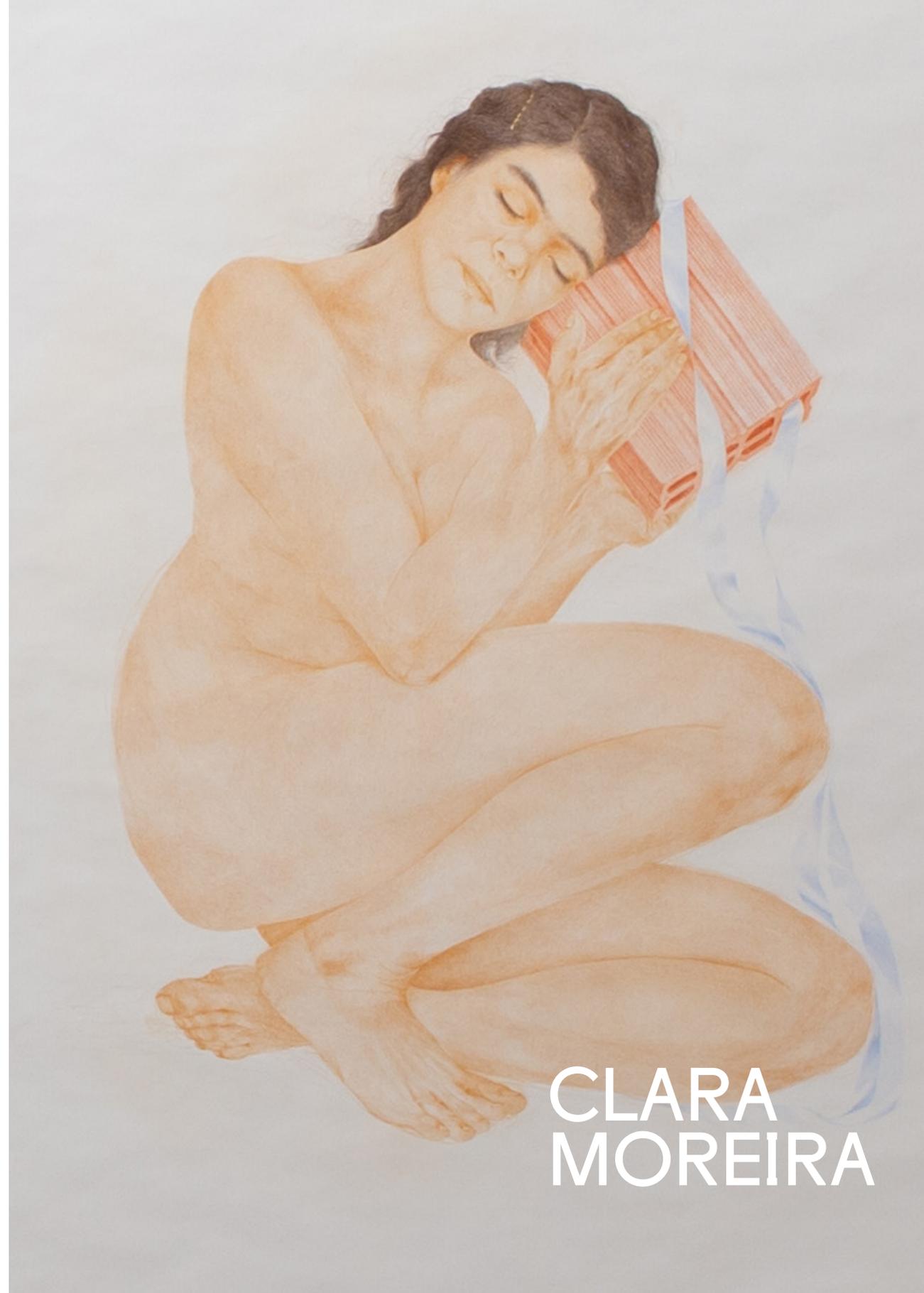
**ALINE ALBUQUERQUE, HERRANA DE KÁSSIA SANTOZ, JÚLIA CAVAZZINI,
PRISCYLA GOMES, RENATA BITTENCOURT, RITA VÊNUS, SALLISA ROSA**

Juradas da 8ª edição do Prêmio Artes Tomie Ohtake
Jury members of the 8th edition of the Tomie Ohtake Arts Award



Promessa da casa (II) Promise of The House (II) 2022
Desenho a lápis de cor sobre papel Colored pencil drawing on paper 2,25 x 1,5 m
Coleção da artista Collection of the artist

Promessa da casa (III) Promise of The House (III) 2022
Desenho a lápis de cor sobre papel Colored pencil drawing on paper 2,10 x 1,5 m
Coleção da artista Collection of the artist



CLARA
MOREIRA

The physiognomy that stares at us in the works of Clara Moreira does not offer all the keys to recognize her when we meet her in a conversation. We identify similarities and alterity between the artist and her double. Both are fearless in their ability to unveil themselves, but there is a gravity in the one that is drawn which both hints at some inner dimension of the other, as well as shows the concentration required in the act of tracing the image reflected in the mirror.

Some works isolate the countenance, closely framed, gazing at us as it weeps. It tastes, breathes and reabsorbs the tears that flow in multiple directions over the phlegmatic, enigmatic and imperturbable face. At times, texts come with the works, verticalizing the poetic reach of the images, such as in the passage that talks about the erratic weeping, captured by the face as a *teaching of the liquid song*.

The drawing is used in a game in which the self-portraits follow the scale of the real and scrutinize beyond the expressions, thoughts and emotions. The precise figuration serves the abstraction of the self, materialized in a place between fidelity and imagination. The act of drawing could be experienced as a performance by a small audience of observers, colleagues or studio visitors during a recent residency. The doubles in movement, exposed, mysterious and in dialogue.

The large format works make the artist present and seem to compose an ex-voto of the whole body. If to Lygia Clark the house is the body, to Clara the body's desire for a house is expressed in the brick, a part that invokes the whole. Tied with ribbons, which refer to the magical nature of votives, the ceramic block appears as if the house were in gestation from this germ unit. The image of the carried weight evokes the fulfillment of vows by the believers mobilized in the festivals of *Santa Amarela* and *Santa Azul* in Recife, the artist's city of residence, which celebrate Catholic figures, as well as Oshun and Yemanjá. The offering does not contain the conviction of reaching the deity's grace, but rather points to the waiting, the sacrifice and the uncertainty. Finding a brick kept in a bag, left on a street corner, seemed like a promising encounter, bearer of inspiration – perhaps an omen that anticipated the series *Promise of the House* or, who knows, the villa yet to come.

Clara also portrays herself in order to record moments when she is an artist. An activity constantly challenged by the Brazilian context, which found its peak during the pandemic. The artist wished to retain her creative identity in the face of the threat of its impermanence. Her doubts should also unsettle us.

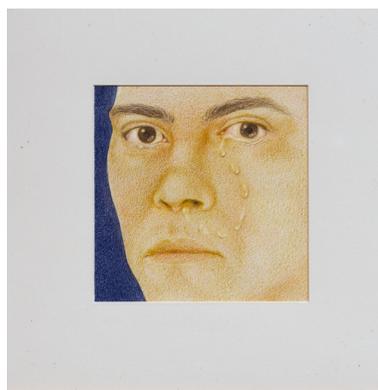
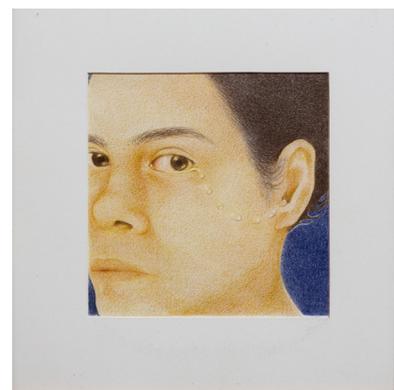
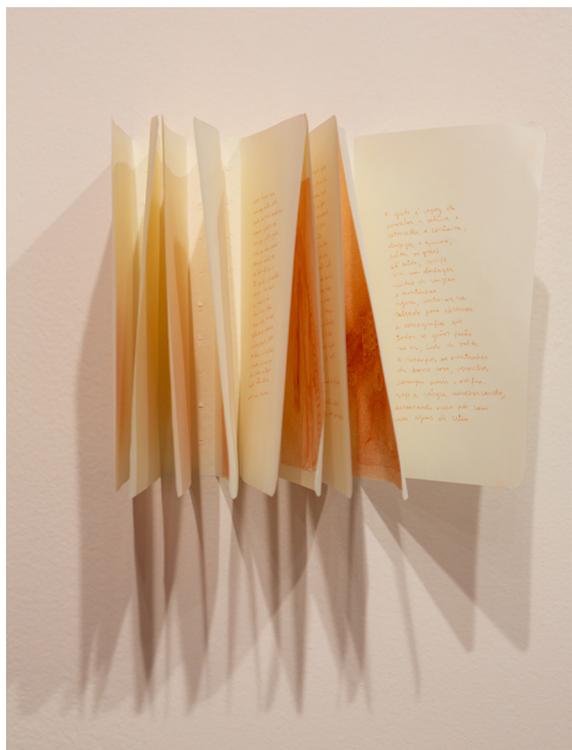
A fisionomia que nos fita nas obras de Clara Moreira não oferece todas as chaves para reconhecê-la quando a encontramos em conversa. Identificamos similitudes e alteridade entre a artista e seu duplo. Ambas se apresentam destemidas na capacidade de se desvelar, mas há uma gravidade naquela que chega desenhada que tanto insinua alguma dimensão interior da outra, quanto flagra a concentração requerida no ato de traçar a imagem refletida no espelho.

Algumas obras isolam o semblante, enquadrado com proximidade, cravando os olhos em nós enquanto chora. Prova, respira e reabsorve as lágrimas que escorrem em múltiplas direções sobre a face fleumática, enigmática e imperturbável. Por vezes, textos acompanham as obras, verticalizando o alcance poético das imagens, como na passagem que fala sobre o pranto errático, colhido pelo rosto como *ensinamento da canção líquida*.

O desenho é usado em um jogo no qual os autorretratos acompanham a escala do real e escrutinizam, para além das expressões, pensamentos e emoções. A figuração precisa serve à abstração de si, materializada em um lugar entre a fidelidade e a imaginação. O ato de desenhar pôde ser experimentado como *performance* para um público mínimo de observadores, colegas ou visitantes do ateliê, durante uma residência recente. Os duplos em movimento, expostos, misteriosos e em diálogo.

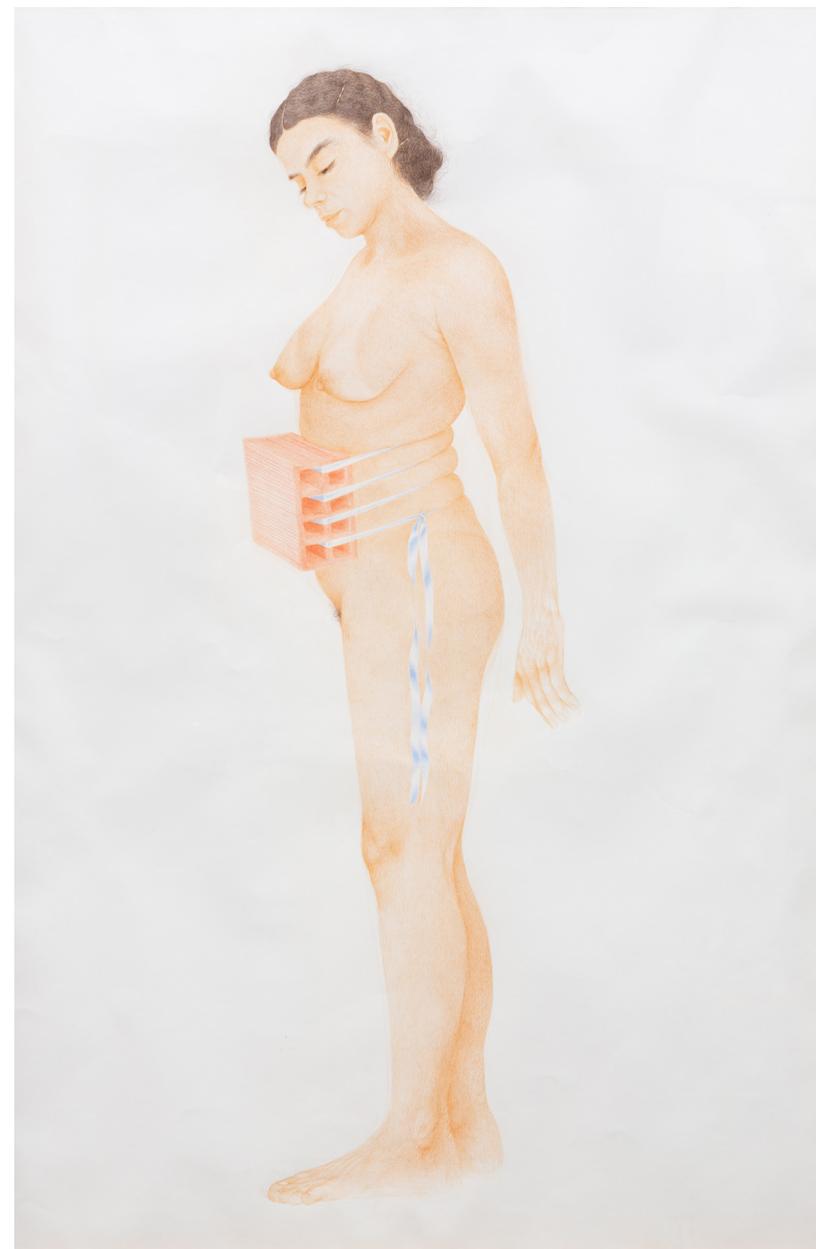
As obras de grande formato presentificam a artista e parecem configurar um ex-voto de corpo inteiro. Se para Lygia Clark a casa é o corpo, para Clara o desejo do corpo por uma casa é expresso no tijolo, parte que invoca o todo. Amarrado com fitas, que remetem à natureza mágica das votivas, o bloco cerâmico surge como se a morada estivesse em gestação a partir dessa unidade germe. A imagem do peso carregado evoca o pagamento de promessa pelos fiéis mobilizados nas festas da Santa Amarela e da Santa Azul de Recife, cidade de residência da artista, que celebram figuras do catolicismo e, também, Oxum e Iemanjá. A oferta não contém a convicção da obtenção da graça alcançada, antes aponta para a espera, o sacrifício e a incerteza. O achamento de um tijolo guardado numa sacola e deixado em uma esquina da cidade pareceu um encontro promissor, portador de inspiração, talvez um presságio que antecipou a série *Promessa da Casa* ou, quem sabe, a vivenda ainda por vir.

Clara se retrata também para registrar momentos em que é artista. Atividade desafiada constantemente pelo contexto brasileiro, que encontrou fase aguda durante a pandemia. A artista desejou reter sua identidade criadora diante da ameaça de sua impermanência. Suas dúvidas deveriam também nos inquietar.



Abro cavernas *Open Caves* 2022
 Desenhos e escritos em sanguínea sobre papel
 Red chalk drawings and writings on paper 16 x 22 x 50 cm
 Coleção da artista Collection of the artist

Ouçó minhas lágrimas *Hear my Tears* | **Respiro minhas lágrimas** *Breathe my Tears* 2021
 Desenho a lápis de cor sobre papel de bambu e algodão
 Colored pencil drawing on bamboo and cotton paper 20 x 20 cm
 Coleção Collection Maeve Jinkings



Promessa da casa (I) *Promise of the house (I)* 2022
 Desenho a lápis de cor sobre papel Colored pencil drawing on paper 1,50 x 1,00 m
 Coleção Collection Banco do Nordeste do Brasil



Atraveçar Escurecer To Transvestite, To Darken 2022
Impressão em tecido, bandeira Print on fabric, flag 85 x 105 cm Coleção da artista Collection of the artist

Escuro Indizível n5 Unspeakable Dark n5 2022
Acrílica sobre tela Acrylic on canvas 40 x 60 cm Coleção da artista Collection of the artist



Shadow corner, seeds of things to come

We don't just do aesthetics. We are in premonition with features, sounds, images, etc. That is where the confrontation comes from, but it does not consist in the force that moves us. What we can generate is what interests us. There is life in us, even though we are below every surface. So, we dig some tunnel always towards the future of this story and what it might generate, regardless of the liberating possibility it might contain and activate.

J. J. Gadelha

in *Habitar a escuridão*: materialidades negras, o olho e a quebra

In times of heightened social tensions in Brazil, a result of centuries of colonial burden, a flag dances in the sky of *Pequena África* [Little Africa], a port region of Rio de Janeiro, with the words TO DARKEN and TO TRANSVESTITE. Between the words, a black arrow cuts horizontally through the blue fabric and points to the open space of the imagination. Around the words, the presence of six small yellow geometric figures opens the semantic field. Geometry is a spiritual language, an ancestral technology; it proposes enigmas to be deciphered in order to understand the thought and practice, not only aesthetic, of Guilhermina.

A flag is an element that communicates from a distance – it is a message to the collective, an invitation to action. The verbs presented in the infinitive suggest that the reader should move, body and thought. It is a proposition to transform the world from two premises which underlie the artist's existence. An imposing ballerina in the immensity of Rio de Janeiro's sky, blue against blue, or displayed in a planned gallery space, the flag explodes the language and is always indicating an outside. In the installation in which it is located on this exhibition's occasion, the flag implicates the visitor in the operation of rethinking this world, closely beckoning an invitation for us to stop accommodating to the *cistem* and start imagining other ones. If words are clear and undoubted, the geometry proposes mystery, opens possibilities, the relationship with the sacred, and it let us catch a glimpse of shadow corners where seeds of things to come germinate.

Canto de sombra, sementes de por vir

Não fazemos apenas estética. Estamos em premonição com traços, sons, imagens, etc. O confronto vem daí, mas ele não consiste na força que nos move. O que podemos gerar é o que nos interessa. Há vida em nós, mesmo estando abaixo de toda superfície. Então, cavamos algum túnel sempre em direção ao futuro dessa história, e ao que ela poderá gerar, independente da possibilidade libertadora que possa conter e ativar.

J. J. Gadelha

em *Habitar a escuridão*: materialidades negras, o olho e a quebra

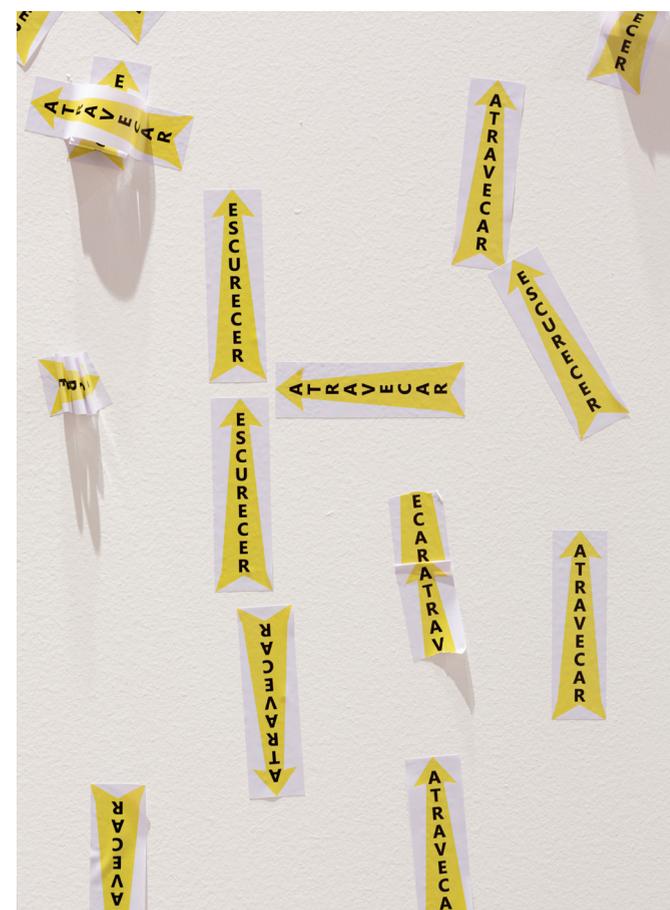
Em tempos de acirramento de tensões sociais no Brasil, resultante de séculos de cargo colonial, uma bandeira dança no céu da Pequena África, região portuária do Rio de Janeiro, com as palavras ESCURECER e ATRAVECAR. Entre as palavras, uma seta preta corta horizontalmente o tecido azul e aponta para o espaço aberto da imaginação. Ao redor das palavras, a presença de seis pequenas figuras geométricas amarelas abre o campo semântico. A geometria é uma linguagem espiritual, uma tecnologia ancestral, propõe enigmas a serem decifrados para a compreensão do pensamento, e da prática, não apenas estética, de Guilhermina.

Uma bandeira é um elemento que comunica à distância, é um recado ao coletivo, um convite à ação. Os verbos apresentados no infinitivo sugerem que quem lê deve mover-se, corpo e pensamento. É uma proposição para transformar o mundo a partir de duas premissas que fundamentam a existência da artista. Imponente bailarina na imensidão do céu do Rio de Janeiro, azul contra azul, ou disposta em espaço planejado de galeria, a bandeira explode a linguagem e está sempre indicando um fora. Na instalação em que se encontra na ocasião desta exposição, a bandeira implica o visitante na operação de repensar este mundo, acenando de perto um convite para nos desacomodarmos do *cistema* limitante e imaginarmos outros possíveis. Se as palavras são claras e indubitáveis, a geometria propõe o mistério, as possibilidades abertas, a relação com o sagrado, e deixa entrever cantos de sombra onde germinam sementes de por vir.



Atravecar Escurecer To Transvestite, To Darken 2022
Impressão em tecido, bandeira Print on fabric, flag 85 x 105 cm Coleção da artista Collection of the artist

Adesivo Atravecar To Transvestite Sticker | Adesivo Escurecer To Darken Sticker 2022
Adesivo Sticker 10 x 2,96 cm Coleção da artista Collection of the artist





Silêncio VII Silence VII 2022
Escultura em resina e mármore Resin and marble sculpture 44 x 15 x 14 cm
Coleção da artista Collection of the artist



JASI
PEREIRA

Silence

Hélio Pereira de Almeida, my uncle. You won't find anything about him on the internet. He was a multidisciplinary and self-taught artist; I lived close to him until I was 6 years old and that was enough to germinate the arts seed in me. If I close my eyes, I can still see him today working with the materials, creating things.

Jasi Pereira

Jasi connects herself with ancestry through the deepness of her gestures and reveals to us expressions of times that came before the ones we know; contemporary archeological findings built with a combination of millenary techniques and intuitive solutions that show intimacy with raw materials and manual labor.

The artist's production, which includes multiple languages, is an indication of a restlessness that reacts with proposals to the world's events. Its meandering aspect seems to suggest a rhythm of long walks and an everlasting search. Indeed, the artist has lived in places which are distant from her homeland Salvador, such as Poland and Ukraine, developing her practice between spaces for humanitarian care and spaces for creation, such as studios and workshops. The baggage she accumulates from these walks is light and dense like a mist, and it involves her creations with a patina of mystery and sacredness.

When invited to follow-up on Jasi for the occasion of this award, I asked her about her references, and she answered with the phrase I bring as the epigraph of this text. The affectionate reverence directed at the uncle with whom she lived during her early childhood conveys the authenticity and autonomy of her search as an artist. Even though she has lived among such different cultures, got to know artists and learned refined techniques, the gestures of the uncle, a self-taught artist, are the ones that offer her guidance and protection.

Silence: the set of sculptures that Jasi presents us is a group of people that, despite being in relation to each other, are isolated within themselves, in their small circumscribed existence, proud and silent, each guarding inside whatever humanity there is in all of us. One piece does not disagree, but differs from this group: a foot, that seems to remind us that Jasi's steps come from far away, and that her struggles are more ancient than the marks she leaves in the world. Sisal, a surprise element that composes each figure, gives the group of sculptures the patina of mystery, evoking the gestures of timeless and overly human rituals.

Silêncio

Hélio Pereira de Almeida, meu tio. Você não vai encontrar nada sobre ele na internet. Foi um artista multidisciplinar e autodidata, convivi com ele até os 6 anos, isso foi o suficiente para germinar a sementinha das artes em mim. Se eu fechar os olhos, ainda posso vê-lo hoje trabalhando com os materiais, criando coisas.

Jasi Pereira

Jasi conecta-se à ancestralidade pela profundidade de seus gestos, e nos revela expressões de tempos anteriores aos tempos conhecidos, achados arqueológicos contemporâneos construídos com uma combinação de técnicas milenares e soluções intuitivas, que denotam a intimidade com a matéria bruta e o trabalho manual.

A produção da artista, que compreende diversas linguagens, é indício de uma inquietação que reage propositivamente aos acontecimentos do mundo. A errância parece sugerir um ritmo de longas caminhadas e de uma busca perene. De fato, a artista viveu em terras distantes de sua Salvador natal, como a Polônia e a Ucrânia, construindo sua prática entre os espaços do cuidado humanitário e os espaços de criação, como ateliês e oficinas. A bagagem que acumula dessas caminhadas é leve e densa como uma bruma e envolve suas criações com uma pátina de mistério e sacralidade.

Ao ser convidada a acompanhar Jasi na ocasião desta premiação, perguntei de suas referências, e ela respondeu com a frase que trago como epígrafe deste texto. A reverência afetuosa direcionada ao tio com o qual conviveu durante a primeira infância transparece a genuinidade e autonomia de sua busca como artista. Ainda que tenha vivido entre culturas tão diferentes, convivido com artistas e aprendido técnicas requintadas, são os gestos do tio, artista autodidata, que lhe oferecem guia e proteção.

Silêncio: o conjunto de esculturas que Jasi nos apresenta é um grupo de pessoas que, apesar de estarem em relação umas às outras, estão isoladas em si mesmas, em suas pequenas existências circunscritas, altivas e silenciosas, cada uma guardando em si o que há de humano em todas nós. Uma peça não destoa, mas difere nesse grupo: um pé, que parece nos lembrar que os passos de Jasi vêm de longe, e que suas lutas são mais antigas que as marcas que ela deixa no mundo. O sisal, elemento surpresa que compõe cada figura, confere ao grupo de esculturas a pátina do mistério, evocando a gestualidade de uma ritualística atemporal demasiado humana.



Silêncio IV Silence IV 2022
Escultura em resina e mármore Resin and marble sculpture 85 x 17 x 8 cm Coleção da artista Collection of the artist

Silêncio II Silence II 2022
Escultura em resina e mármore Resin and marble sculpture 68 x 15 x 8 cm Coleção da artista Collection of the artist

Silêncio VI Silence VI 2022
Escultura em resina e mármore Resin and marble sculpture 79 x 17 x 10 cm Coleção da artista Collection of the artist



Silêncio V Silence V 2022
Gesso e ferro Plaster and iron 54 x 15 x 14 cm Coleção da artista Collection of the artist

Silêncio VII Silence VII 2022
Escultura em resina e mármore Resin and marble sculpture 44 x 15 x 14 cm Coleção da artista Collection of the artist

Silêncio I Silence I 2022
Escultura em resina e mármore Resin and marble sculpture 79 x 16 x 14 cm Coleção da artista Collection of the artist





Da série Receitas de nódias e máculas From the Saps and Stains Recipes Series 2022
Água de feijão-preto, nódia de bananeira e diquada sobre tecido costurado em graveto
Black bean water, banana sap and leached wood ashes on fabric stitched onto a stick 70 x 70 cm
Coleção da artista Collection of the artist



JOSI

Josi is a storyteller. When talking about what seems to flow from her pieces, the artist involves the listener in a plot. While one grandfather was capable of making ox carts, canoes, mills and furniture, which he traded for living in farms, the other had the difficult job of extracting coal from the Minas Gerais lands. Her father sculptured small wooden pestles with tools allowed only to the men of the house, while her mother, a seamstress, used threads, fabrics and, also, the heat from the oven. Many hands in operation, putting in motion houses and worlds organized by work and affections.

Her *Clothes/Pains Racks* incorporate wooden fittings and bindings akin to the practices of those who came before the artist. We position ourselves over these objects, both perishable and stable, as if searching, from the margin, for the bottom of the river. On the diaphanous fabrics emerge scenes disposed in layers overlapped in transparencies. Maybe different dimensions of space or time. The organic chemistry of her pieces reincarnates learnings in the form of bean waters, that vary in tone from translucent purples to blues discovered in the trivial leaking of the pan's valve. Coarse salt, vinegar, lemon and banana sap harvested by her mother help fix delicate images on papers and fabrics. The floor and the one who steps on it are attached to the works, evoked by the different tones of earth used as pigment, which seem imbued with the intention of channeling the geography of the Vale do Jequitinhonha while, at the same time, affirming that the artist belongs to the multiple expressions of the Atlantic diaspora. Figuration in her works does not adhere to facts or precise characters, but privileges feminine body figures and seems to burst from the surfaces, conducted by the artist, who also surprises herself with what gradually manifests. The experimental character of the processes employed seems to act as coauthor of the stories we face – they become visible presences, fantasies, ancestral images, future visions. Evanescent scenes that constitute themselves and transform us into witnesses of memories, enigmas, revelations and reminders of the un-lived.

Josi é uma contadora de histórias. Ao falar sobre aquilo que parece desaguar em suas obras, a artista enreda quem a escuta. Enquanto um avô era capaz de fazer carro de boi, canoa, engenho e mobília, que trocava por moradia em uma fazenda, outro tinha o duro ofício da extração do carvão em solo mineiro. O pai esculpia pequenos pilões de madeira com ferramentas franqueadas apenas aos homens da casa, enquanto a mãe, costureira, manipulava linhas, tecidos e, também, o calor do fogão. Muitas mãos em operação, fazendo funcionar casas e mundos ordenados pelo trabalho e pelos afetos.

Seus *Quara-dores* incorporam encaixes de madeira e amarrações, aparentados das práticas daqueles que vieram antes da artista. Nos posicionamos sobre esses objetos, a um tempo perecíveis e estáveis, como quem busca a partir da margem o fundo de um rio. Nos tecidos diáfanos emergem cenas dispostas em camadas que se sobrepõem em transparências. Diferentes dimensões de espaço, ou de tempo, talvez. A química orgânica de suas obras faz reencarnar aprendizados na forma de aguadas de feijão, que variam em tonalidade de arroxeados translúcidos a azuis descobertos no vazamento trivial da válvula da panela. Sal grosso, vinagre, limão, e também a seiva de bananeira colhida por sua mãe, ajudam a fixar delicadas imagens sobre papéis e tecidos. O chão e quem nele pisa estão atados às obras, evocados pelas diferentes tonalidades de terra utilizadas como pigmento, as quais parecem imbuídas da intenção de presentificar a geografia do Vale do Jequitinhonha e também afirmar o pertencimento da artista ao campo das múltiplas expressões da diáspora atlântica. A figuração de suas obras não adere a fatos ou personagens precisos, mas privilegia corporaturas femininas e parece irromper das superfícies, conduzida pela artista que também se surpreende com o que vai se tornando manifesto. O caráter experimental dos processos empregados parece atuar como coautor das fabulações com que nos defrontamos – elas tornam visíveis presenças, fantasias, imagens ancestrais, visões futuras. Cenas evanescentes se configuram e nos transformam em testemunhas de memórias, enigmas, revelações e lembranças do não vivido.

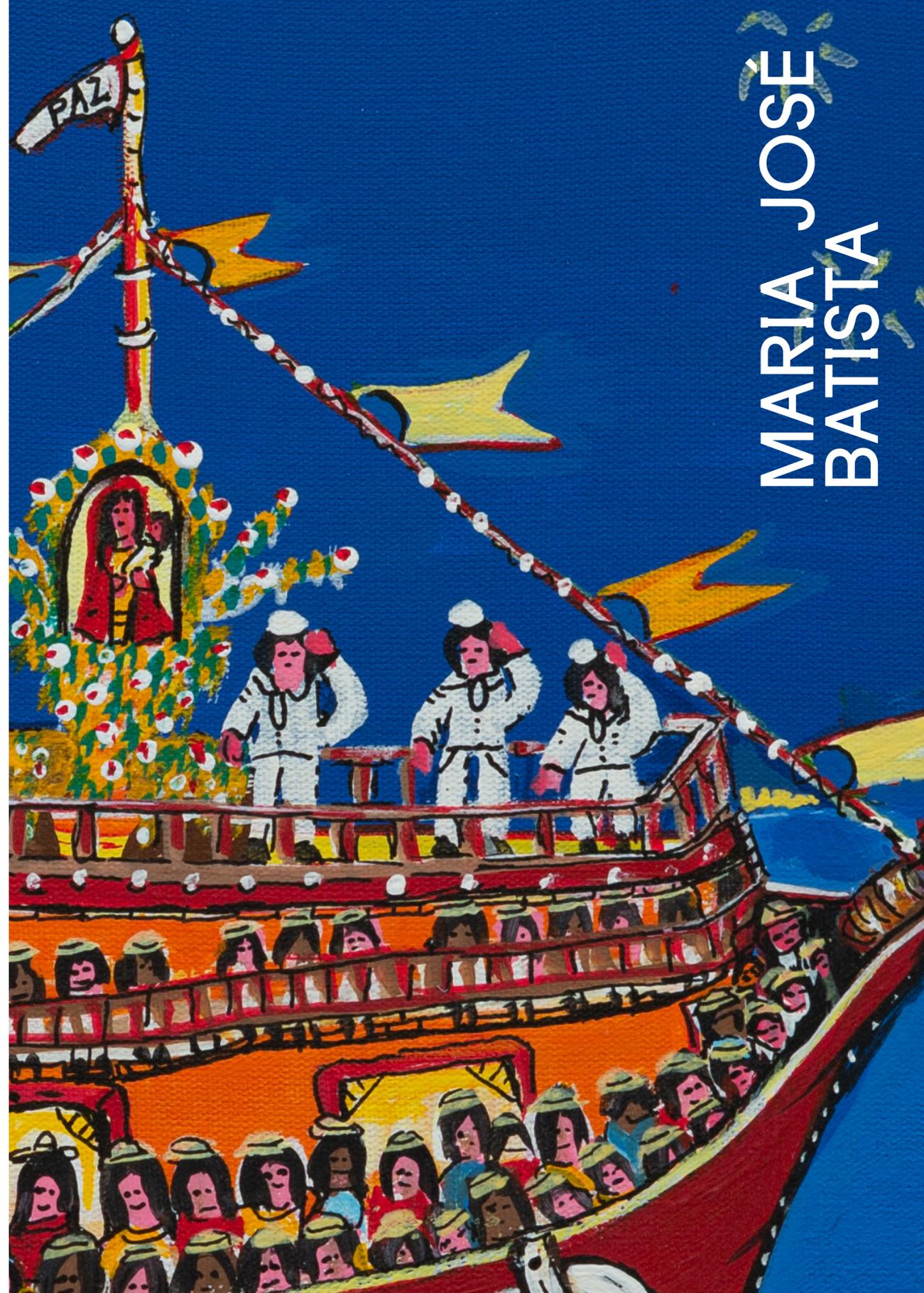


Da série Quara-dores From the Clothes/Pains Rack series 2022
 Goma de farinha, água de feijão-preto e terras sobre tules costurados em quarador de madeira
 Flour starch, black bean water and dirt on tulle fabrics stitched onto wooden clothes rack
 51 x 49 x 56,5 cm | 60 x 74 x 82 cm
 Coleção da artista Collection of the artist

Da série Decantações, fervuras e temperamentos From the Decantations, Boilings and Temperings series 2022
 Água de feijão-preto, nódia de bananeira e açafrão sobre papel Black bean water, banana sap and saffron on paper 82 x 62 cm
 Coleção da artista Collection of the artist



A dança do Boto The Porpoise Dance 2022
Textura com TNT Nonwoven polypropylene texture 42 x 43 cm Coleção da artista Collection of the artist



MARIA JOSÉ
BATISTA

When Maria José started her first painting studio at the age of 27, she already carried memories and affections related to this occupation. Her father, a drawing artist, caricaturist and restorer of artworks, exercised multiple activities directed at the visual arts and vernacular design, which brought constant exchanges about this labor to her domestic environment.

Maria José narrates her first experiments as stemming from the “dream of making paintings”, which led to the Fundação Curro Velho, in Belém, Pará. There, she established a new bond of interlocution and affection with Mestre (Master) Nato, who would follow up on her from her first embryonic experiments on sheets found at home to the banners produced recently. The latter pieces have been incorporated by the artist as part of her production, the result of an agreement to continue the legacy of the one who followed up on a large part of her trajectory.

The artist from Pará finds fruitful ways of expression in diverse materials and media, incorporating from acrylic drawings on paper to tridimensional objects manufactured with cardboard pizza boxes. These have been developed over the last years, receiving layers and layers of nonwoven polypropylene merged through soldering heating.

Art and regional popular culture are guiding elements not only of her practice but also of her representational universe. Maria José constantly refers to prosaic urban scenes, religious processions and manifestations, as well as local festivals. These scenes composed by the artist are ways to express her experience with the everyday life in Pará, bringing up characters full of color and vivaciousness, in addition to fairs and markets, vessels and animals.

Her color palette also reflects an extremely vibrant atmosphere, in which blue seems to take up the compositions as a form of outlining and expanding these city fragments that she seeks to translate. On them, water and sky unite in order to make us immerse in a universe where it is possible to live the prosaism of encounters at the peripheries and lower lands of Pará, marked by comings and goings not only of passers-by but also of vessels and stories.

For the show idealized for the Tomie Ohtake Arts Award, the artist presents her most recent works, seeking to combine the variety of media and themes with the intrinsic plurality of her practice.

Quando Maria José iniciou, aos 27 anos, sua primeira oficina de pintura, já guardava consigo traços memoriais e afetivos com esse fazer. Seu pai, desenhista, caricaturista e restaurador de obras de arte, exercia múltiplas atividades voltadas às artes visuais e ao *design* vernacular, o que trazia ao ambiente doméstico recorrentes trocas sobre o ofício.

Maria José narra seus primeiros experimentos a partir de um “sonho de fazer pintura”, que encontrou caminhos na Fundação Curro Velho, em Belém do Pará. Lá estabeleceu um novo elo, de interlocução e afetivo, com Mestre Nato, que iria acompanhar desde seus experimentos embrionários em lençóis encontrados em casa até os estandartes produzidos recentemente. Estes últimos foram incorporados pela artista como parte de sua produção, fruto de um acordo de continuidade do legado daquele que acompanhou grande parte de sua trajetória.

A artista paraense encontra em diferentes materiais e suportes meios fecundos de expressão, incorporando desde o desenho em acrílica sobre papel até objetos tridimensionais confeccionados em caixas de pizzas de papelão. Estes últimos ganharam corpo nos últimos anos, recebendo camadas e mais camadas de TNT conjugadas pelo aquecimento por solda.

A arte e a cultura popular regional são elementos norteadores não somente do seu fazer como do seu universo representacional. Maria José remete-se recorrentemente a cenas urbanas prosaicas, procissões e manifestações religiosas, bem como festas locais. Essas cenas construídas pela artista são meandros para expressão de sua vivência do cotidiano paraense, trazendo à tona personagens repletos de cor e vivacidade, além de feiras e mercados, embarcações e animais.

Sua paleta de cores também reflete uma atmosfera extremamente pulsante, em que o azul parece tomar as composições como forma de contornar e expandir esses fragmentos da cidade que busca traduzir. Neles, água e céu se unem a fim de nos fazer imergir num universo em que é possível vivenciar o prosaísmo dos encontros na periferia e nas baixadas paraenses, marcados por um ir e vir não somente de transeuntes, mas de embarcações e histórias.

Para a mostra idealizada para o Prêmio Artes Tomie Ohtake, a artista apresenta seus trabalhos mais recentes, buscando conjugar a variedade de suportes e temas e a pluralidade intrínseca ao seu fazer.



Círio no interior Countryside Círio Festival 2022
Acrílica sobre tela Acrylic on canvas 50 x 50 cm Coleção da artista Collection of the artist

A promessa The Promise 2022
Acrílica sobre tela Acrylic on canvas 50 x 50 cm Coleção da artista Collection of the artist



Churrasco do Zé Zé's Barbecue 2022
Acrílica sobre tela Acrylic on canvas 30 x 30 cm Coleção da artista Collection of the artist

Açaí Promessa da casa do Diogo Acai Promise of Diogo's House 2022
Acrílica sobre tela Acrylic on canvas 30 x 30 cm Coleção da artista Collection of the artist



Romaria fluvial River pilgrimage 2022
Acrílica sobre tela Acrylic on canvas 40 x 50 cm Coleção da artista Collection of the artist



"The Shining" (Tom Inari) 2020
Óleo sobre tela Oil on canvas 140 x 110 x 3,5 cm Coleção particular Private Collection



MARJÓ
MIZUMOTO

Whoever comes across with the large format paintings of Marjô Mizumoto, that charm us for the expressive ability and vivaciousness of her portraits, often does not apprehend the narrative and affective layers that the artist transfers to the people depicted by her.

This first apprehension, mostly sustained by compositional aspects of her paintings, is not at all futile. Marjô unveils and covers a series of relations between languages in her creative process, establishing parallels between painting, photography and video. In this process, it is recurring the choice for a scene, a person, a piece of furniture, originated in different media, contexts, and even images revisited from her memory. From those aspects, the artist initiates a meticulous construction of the atmosphere that involves the canvas, resorting to a prodigious exercise of collage. Digitally, she links textures and elements in successive layers, finishing the composition by attributing digital filters.

Photography and video make themselves present through the concern for representational fidelity and, also, emerge through small hints, clues that the artist leaves on the canvas, referring to temporal notes, durations, and typographies that are typical of subtitling, among so many others.

In addition to this meticulous and substantial construction process of her paintings, considered by the artist as always anchored in the articulation between luminosity and the camera angle to capture these figures, the production of Marjô Mizumoto is a gentle and delicate witness of an emphatic and generous perspective on childhood and old age. It is in this perspective that overflow her questions and impressions on motherhood, the magic and astuteness of children's perspectives, as well as the challenges of forming future generations. For the artist, the very act of painting articulates with her experience as a mother, with which she is interdependent, transferring to both worlds the most diverse impressions, concerns and sensations.

For the show exhibited in Instituto Tomie Ohtake, a series of recent paintings address the theme of childhood and its tangled relation with the ludic and the digital spheres. The four paintings, produced in the last 2 years, explore in distinct ways the presence of devices that increasingly mediate the personal universe of children and the world that surrounds them.

Quem depara com as pinturas em grande formato de Marjô Mizumoto, que encantam pela habilidade expressiva e pela vivacidade de seus retratos, muitas vezes não apreende as camadas narrativas e afetivas que a artista transpõe aos seus retratados.

Essa primeira apreensão, amparada majoritariamente por aspectos compositivos de suas pinturas, não é de todo leviana. Marjô desvela e encobre uma série de relações entre linguagens no seu processo criativo, estabelecendo paralelos entre pintura, fotografia e vídeo. É recorrente nesse processo a escolha de uma cena, uma pessoa, um mobiliário, provenientes de diferentes mídias, contextos, e até mesmo de imagens revisitadas em sua memória. A partir daí, a artista inicia uma construção meticulosa da atmosfera que envolve a tela recorrendo a um exercício prodigioso de colagem. Digitalmente, coaduna texturas e elementos em camadas sucessivas, finalizando a composição pela atribuição de filtros digitais.

Fotografia e vídeo se fazem presentes na preocupação com a fidelidade representacional e, também, surgem por meio de pequenas pistas, indícios, que a artista deixa nas telas remetendo-se a notações temporais, de duração, e a tipografias típicas de legendagem, entre tantas outras.

Afora esse processo meticuloso e substancial de construção de suas pinturas, colocado pela artista como sempre ancorado na articulação entre luminosidade e ângulo de captura dessas figuras, a produção de Marjô Mizumoto é um gentil e delicado testemunho de um olhar empático e generoso para a infância e a velhice. É nesse olhar que transbordam seus questionamentos e impressões sobre a maternagem, a magia e perspicácia do olhar das crianças, e os desafios de formação de futuras gerações. Para a artista, o próprio ato de pintar se articula com sua vivência como mãe, com a qual interdepende, transpondo a esses dois mundos impressões, preocupações e sensações as mais diversas.

Para a mostra exibida no Instituto Tomie Ohtake, uma série de pinturas recentes aborda o tema da infância e sua relação imbricada com o lúdico e o digital. As quatro pinturas, produzidas nos últimos 2 anos, exploram de maneiras distintas a presença de aparelhos que medeiam cada vez mais o universo pessoal das crianças e o mundo que as cerca.



"Hello Mr. President" (Leon Mizumoto Gomes e and Marie Yuki Mizumoto Gomes) 2022
 Óleo sobre tela Oil on canvas 180 x 135 x 3,5 cm Coleção particular Private Collection



No meu tempo era assim In my Time, This Is How It Was (Leon Mizumoto Gomes e and Pedro Gomes) 2021
 Óleo sobre tela Oil on canvas 120 x 100 x 3,5 cm Coleção da artista Collection of the artist



Freakazoid! (Leon Mizumoto Gomes) 2022
 Óleo sobre tela Oil on canvas 120 x 80 x 3,5 cm Coleção da artista Collection of the artist




 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
CERTIDÃO DE ÓBITO
 NOME:
MARIA FURTUNATA MIRANDA

CPF: 100.472.632-63 MATRÍCULA: 065649 01 55 2015 4 00086 111 0041218 85

SEXO: Feminino COR: Parda ESTADO CIVIL E IDADE: Solteira, 111 anos

NATURALIDADE: Santarém-PA DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO: RG nº 2674715 SSP/PA ELEITOR: Não

FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA:
 Filha de ANGELICA MIRANDA, Residência da falecida à Trav. Clementino de Assis, nº 617, no bairro Aparecida, nesta cidade de Santarém, Estado do Pará, Santarém-PA

DATA E HORA DE FALECIMENTO:
 Vinte e seis de agosto de dois mil e quinze, às 19h30min. DIA: 26 MÊS: 08 ANO: 2015

LOCAL DE FALECIMENTO:
 em seu domicílio, à Trav. Clementino de Assis, nº 617, no bairro Aparecida, nesta cidade de Santarém, Estado do Pará

CAUSA DA MORTE:
 Caquexia, Anormalidades da Respiração, Pneumonia não Especificada

SUPLENTE/CREMAÇÃO:
 no Cemitério São João Batista, nesta cidade de Santarém-PA

DECLARANTE:
 DJALMA DELGADO DA SILVA, nacionalidade brasileiro, documento de identificação nº RG-1287482-9/SSP-AM, profissão aposentado, estado civil casado, residente na a Rua Antônio Peres, nº 51, no bairro Centro, na Vila de Alter do Chão, neste Município de Santarém, Estado do Pará

NOME E Nº DE DOCUMENTO DOS MÉDICOS QUE ATESTARAM O ÓBITO:
 pela doutora Patrícia Braga Pereira, CRM 5677

DATA DE REGISTRO (POR EXTENSO):
 Quatro de setembro de dois mil e quinze

AVERBAÇÕES / ANOTAÇÕES A ADICIONAR:
VIDE VERSO.

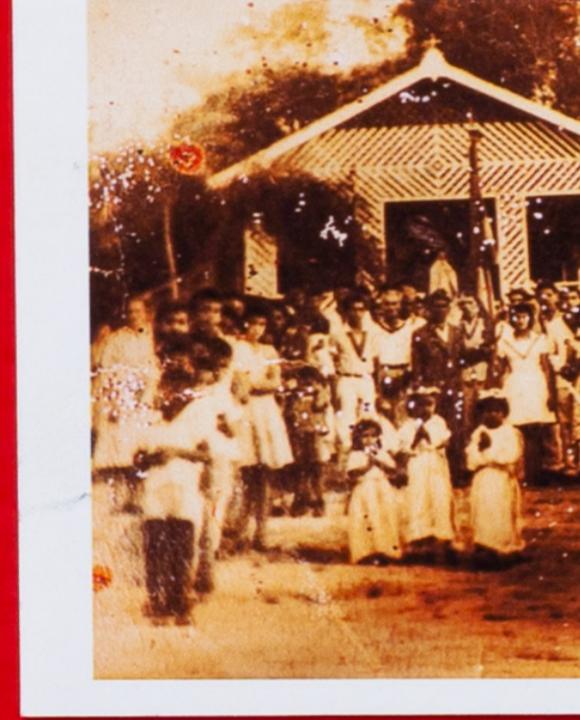
ANOTAÇÕES DE CADASTRO:
 RG nº 2674715 SSP/PA
 * As anotações de cadastro acima não dispensam a apresentação do documento original, quando exigida pelo órgão solicitante.

O conteúdo da certidão é por inteiro. Dou fé.
 Santarém/PA, 26 de agosto de 2020.

Nome do Ofício: Serviço de Registro Civil e Notas - 3ª Ofício
 Oficial Registrador: João de Mendonça Alho - CPF: 049.727.322-53
 Município/UF: Santarém/PA
 Endereço: Rua Maestro Wilson Dias de Fonseca, nº 340, Centro
 CEP: 68.000-000
 contato:jofo@tst.jus.br
 (93)3063-6674

Assinatura: João de Mendonça Alho
 Assinatura: Laís de Cássia de M. A. de Sá
 Assinatura: Claudine Picarço de Souza
 Assinatura: Sandra Mara Sousa Brito
 Assinatura: Maria Helenilda R. O. e Oliveira

APPENDICSI



MOARA TUPINAMBÁ



Moara Tupinambá was born in Mairi (Belém, Pará). She currently lives in São Paulo, and is a visual ARTivist, an autonomous curator and a multimedia artist who works with drawings, paintings, collages, installations, photographs, personal archives, literature, videos and performances.

Moara's poetics covers the cartography of memories, identity, ancestry, indigenous resistance and anticolonial thinking. Her artistic practice is intrinsically related to collective experiences and activism.

Moara is Tupinambá and her ancestors come from the Baixo Tapajós region. Currently, she is part of the collective *Mulheres Artistas Paraenses* [Women Artists from Pará], and is an associate of Colabirinto, as well as the vice-president of the multiethnic association Wyka Kwara.

Museu da Silva, piece presented at Instituto Tomie Ohtake, is a participative artwork of research in Museology. It evokes collective memories and family records and it is an autobiography, as well as a reinvention of this territory's genealogy.

Silva, which is derived from Latin and means *jungle*, is the most predominant surname in Brazil and, somehow, it has contributed to the erasure of indigenous identities. *Museu da Silva* is a resignification of the ramification of a genealogy that has been poorly told and forgotten.

Here, Moara's art reassembles a mural, relating directly to the institutional space's architecture – It is a piece created in dialogue with Instituto Tomie Ohtake's space. Representation through muralism is culturally important from the perspective of the indigenous expression in Abya Yala (America). Moara reconnects roots using different languages on the mural: photos, documents, family archives, videos, audios, drawings, maps, earth, flour, *tracajá* turtles and erased stories.

Moara Tupinambá é natural de Mairi (Belém do Pará), atualmente vive em São Paulo, é ARTivista visual, curadora autônoma e artista multiplataforma que trabalha com desenho, pintura, colagens, instalações, fotografias, acervos pessoais, literatura, vídeos e *performances*.

A poética de Moara percorre cartografias da memória, identidade, ancestralidade, resistência indígena e pensamento anticolonial. E a prática artística está intrinsecamente relacionada a fazeres coletivos e ao ativismo.

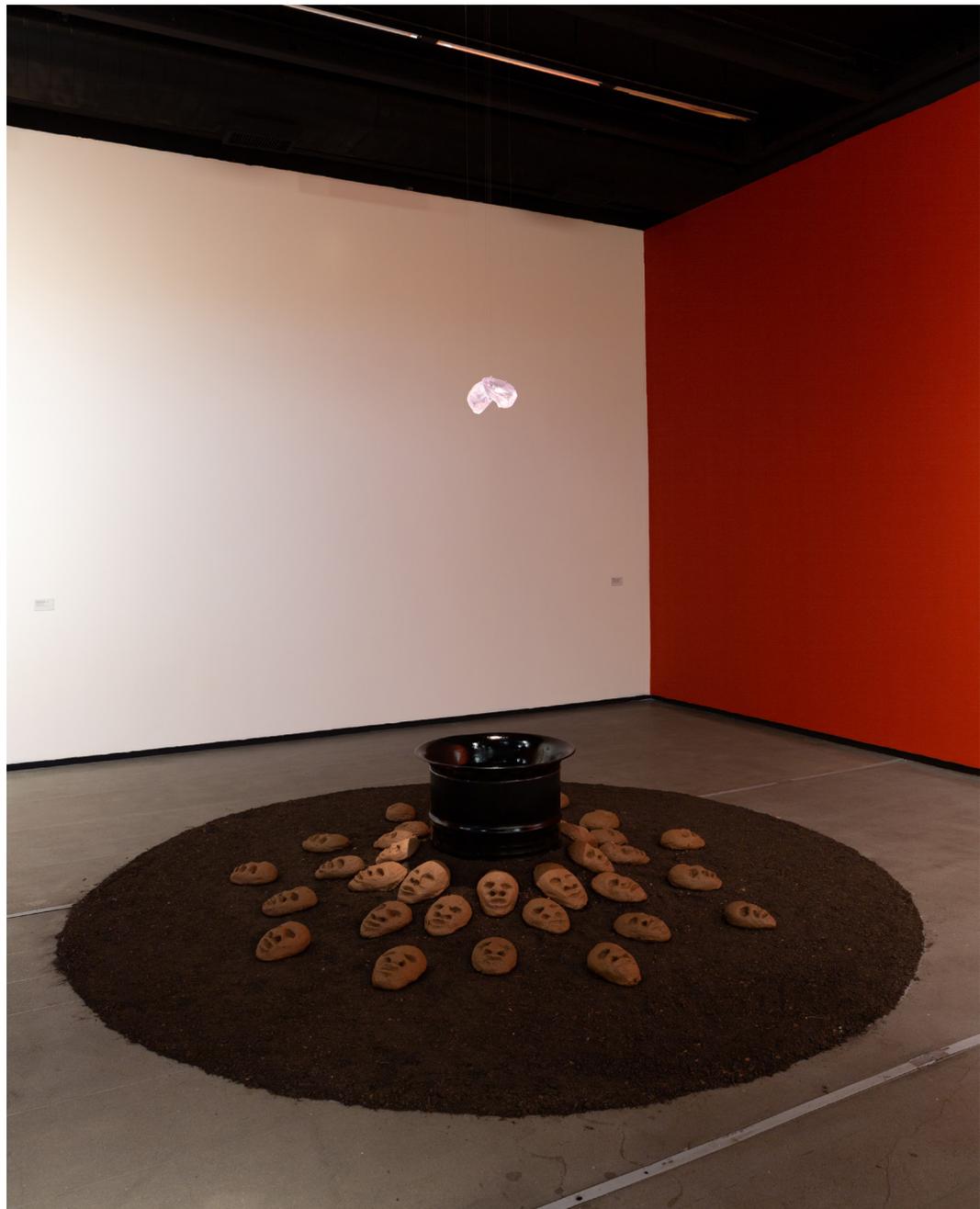
Moara é Tupinambá, e sua ancestralidade originou-se na região do Baixo Tapajós. Atualmente faz parte do coletivo de Mulheres Artistas Paraenses, é sócia do Colabirinto e vice-presidente da associação multiétnica Wyka Kwara.

O Museu da Silva, trabalho apresentado no Instituto Tomie Ohtake, é um trabalho participativo de pesquisa em museologia. Convoca a memória coletiva e registros familiares, é uma autobiografia e, também, uma reinvenção da genealogia desse território.

Silva, que vem do latim e significa selva, é o sobrenome mais predominante no Brasil e, de alguma maneira, corroborou o apagamento das identidades indígenas. O Museu da Silva é a resignificação da ramificação de uma genealogia que foi mal contada e esquecida.

Aqui a arte de Moara remonta um mural, relaciona-se diretamente com a arquitetura do espaço institucional, é uma obra que foi criada em diálogo com o espaço do Instituto. A representação por meio do muralismo é culturalmente importante para a perspectiva de expressão indígena em Abya Yala (América). Moara reconecta as raízes usando diferentes linguagens no mural: fotos, documentos, acervos familiares, vídeos, áudios, desenhos, mapas, terra, farinha, *tracajá* e histórias apagadas.





Poço de Alunar *Lunar Landing Pit* 2022
Instalação sonora / Corpo sônico Sound installation / Sonic body 2,20 x 2 x 2,20 m
Coleção da artista Collection of the artist



PANAMBY

a beam of light sparkles weakly, shines on the water of a deep pit
it is nighttime and I dream
luminous and resonant beam, indivisible
that vibrates through our hollow bones

we dream of a snake, in the belly of a giant boa
we dream of a sea of red roses around the house
we dream of a temple's echoing dome

in the extreme deepness of the sky and in the extreme deepness of the ocean, we sail
in a frequency that only darkness can conceive
an apparition emerges to me

rivers of sky
I observe the moon melting onto me
I too melt onto it
spill the reflection of its light
hear the howls
go back to dreaming

I dream like I hear, everything is singing, tuneful, prayer
dream-heart, no words, only flow

the voice of god is a low frequency

I hear this darkness
of other constellations
waning crescent and new moon, now rising
or shrinking again
it is the time for another equation

and the pit sparkles
in a sound that opens up to the surface of thin straw under my feet
I don't have a head anymore
it has reversed itself
sprayed itself in the air

um fecho de luz que cintila frágil, brilha sobre águas de um poço profundo
é noite e eu sonho
facho luminoso e sonoro, indivisível
que vibra no oco das nossas ossaturas

sonhamos cobra, na barriga de uma sucuri gigante
sonhamos mar de rosas vermelhas pela casa
sonhamos cúpula ecoante de um templo

no extremo profundo do céu e no extremo profundo do mar, navegamos
numa frequência que somente o escuro poderia gestar
uma aparição me surge

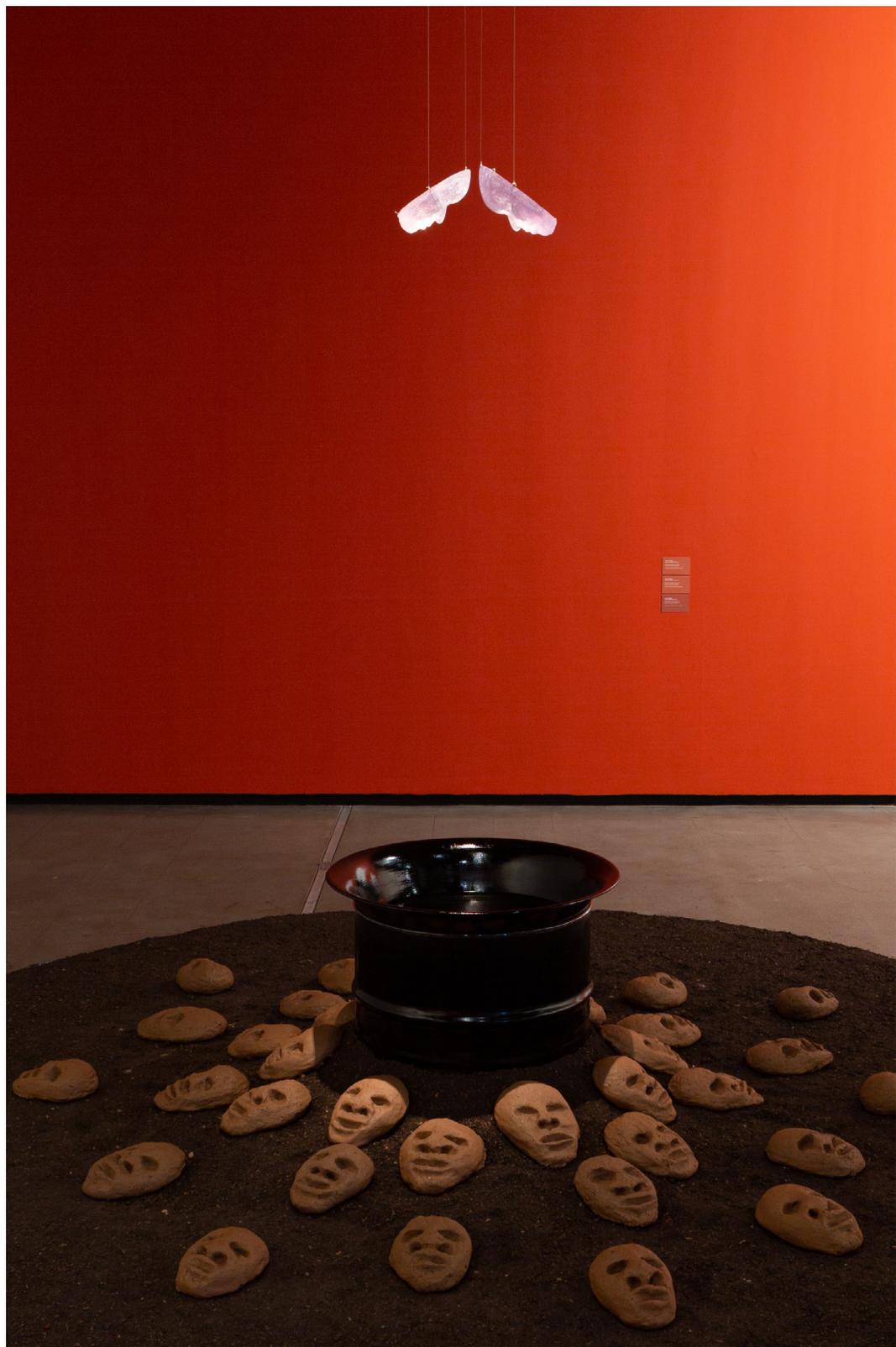
rios de céu
observo a lua que vai se derretendo sobre mim
eu também me derreto sobre ela
respingo seu reflexo de luz
escuto os uivos
volto a sonhar

sonho como ouvindo, tudo é canto, toante, reza
sonho-coração, não há palavras, só fluxo

a voz de deus é uma frequência grave

escuto esse escuro
de outras constelações
lua minguante e nova, agora cresce
ou minguava novamente
é tempo de outra equação

e o poço cintila
em som que se abre pela superfície de palha fina dos meus pés
não tenho mais cabeça
avessou-se em si mesma
aspergiu-se no ar



Poço de Alunar *Lunar Landing Pit* 2022
Instalação sonora / Corpo sônico Sound installation / Sonic body 2,20 x 2 x 2,20 m
Coleção da artista Collection of the artist



plântio-colheita planting-harvesting 2022
Instalação e pintura Installation and painting
154 x 230 cm (pintura painting) Ø 400 cm (círculo de sal salt circle)
Ø 24 cm (pratos plates) Ø 12cm (cumbucas bowls)
Coleção das artistas Collection of the artists



TERRORISTAS
DEL AMOR

Terroristas del Amor is a collective formed in 2018 by Dhiovana Barroso and Marissa Noana, from Ceará. They mobilize diverse artistic languages, unleashing an educational and insightful process about their experiences and affections. Their pieces are almost always autobiographical and address their relations to the city, with a predominance of manual and textile techniques, drawings and large murals.

Stemming from a family picture, the artists developed an original artwork for Instituto Tomie Ohtake – the installation called *plantio-colheita* [planting-harvesting]. The piece is prepared as a ritual, an affective digestion between past and present.

Dhiovana and Marissa are crossed by family memories in relation to food, the place at the table, absences, preparation, beans and salt, assimilating family archives with historical-colonial obliterations of the afro-indigenous memory in Brazil.

The painting of the table, a common place for family gatherings, brings along the weight of sustaining both food and stories. It is a place that has always been denied for black people, who lived with the discomfort of constantly inhabiting the space of subordination and servitude – never sat at the table, always standing around it. Now, all the seats are occupied by women, served in abundance.

The geography of *plantio-colheita* is a ramification of a space of memory that has its selections, and the affective landscape of the painting is seasoned with bowls and plates. On the plates, the bean soup is served as a dish that connects Dhiovana's and Marissa's affective memories. Bean is the ingredient that was planted and harvested by their great-grandmothers, and soup has been prepared by their grandmothers throughout their lives.

Salt circulates and molds the path of protection. It was in salt water that they found each other as a couple, and the production of sea salt culturally marks their relation to the food and the territory where they were born and live until today.

Terroristas del Amor é um coletivo formado em 2018 pelas cearenses Dhiovana Barroso e Marissa Noana. Elas mobilizam diversas linguagens artísticas, desencadeando um processo educativo e elucidativo sobre suas experiências e afetividades. Suas obras são quase sempre autobiográficas e falam sobre suas relações com a cidade, trazendo a predominância de técnicas manuais, têxteis, desenhos e grandes murais.

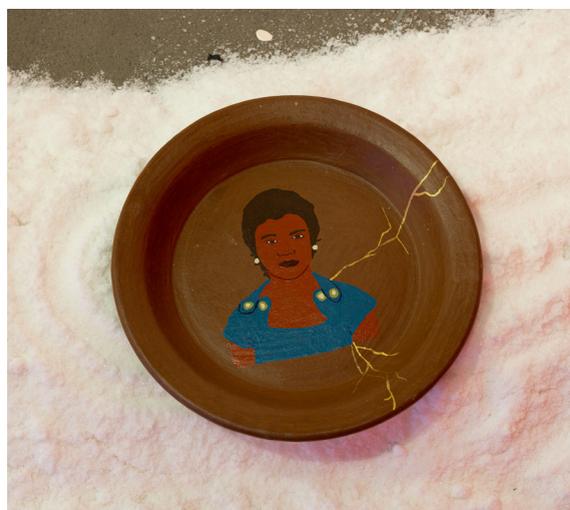
A partir de uma fotografia de família as artistas desenvolveram um trabalho inédito para o Instituto Tomie Ohtake, a instalação chamada *plantio-colheita*. A obra é preparada como ritual, uma digestão afetiva entre o passado e o presente.

Dhiovana e Marissa são atravessadas pelas memórias e lembranças familiares em relação a alimentação, lugar à mesa, ausências, o preparo, o feijão e o sal, assimilando os acervos familiares com o apagamento histórico-colonial da memória afro-indígena no Brasil.

A pintura da mesa, lugar comum de encontro e reunião familiar, traz consigo o peso de sustentar os alimentos e as histórias. Lugar que sempre foi negado aos negros, que viviam no desconforto de sempre habitar o espaço da subalternização e do servir, nunca sentados à mesa, sempre em pé ao seu redor. Agora, todos os assentos são ocupados por mulheres, servidas em abundância.

A geografia de *plantio-colheita* é uma ramificação de um espaço de memória que tem os seus recortes, a paisagem afetiva da pintura é temperada com tigelas e pratos. E nos pratos a sopa de feijão é servida como a comida que liga as memórias afetivas de Dhiovana e Marissa. O feijão é o alimento plantado e colhido pelas suas bisavós, e a sopa, um prato preparado por suas avós ao longo da vida.

O sal circula e molda o caminho de proteção. Foi na água salgada que elas se encontraram como casal, e a produção de sal marinho demarca culturalmente a relação das duas com o território e a alimentação onde nasceram e vivem.





Para ter visões no fogo *To Have Visions in the Fire* 2022
Instalação Installation Dimensões variáveis Variable dimensions Coleção da artista Collection of the artist



VULCANICA
POKAROPA

the incensed smoke curtains open themselves
and there they are, at the altar, glistening
them

beautiful
fierce
girls

enshrined
in black, red
gold

like a mirage
infernally
celestial
swallowing oppositions
licking and chewing
heaven&hell
hatred&love
all very attached

catholic
resets the norm
desires
short circuit
of the internal operation

chaotic
does not wish to be paradise,
but the elevations
of the altar
relapse onto the Earth
mundane sphere of real bodies

real-fiction
eternal dispute of beauty
which is karma, and the sin
is not to kneel
on this altar
of radiance

abrem-se as cortinas de fumaça incensada
e lá estão, no altar, resplandecentes
elas

bonitas
pleníssimas
garotas

consagradas
em preto, vermelho
ouro

como uma miragem
infernally
celestes
engole oposições
lambe e mastiga
céu&inferno
ódio&amor
tudo muito junto

católica
reconfigura a norma
deseja
curto-circuito
da operação interna

caótica
não se quer paraíso,
mas as elevações
de altar
recaem sobre a terra
esfera mundana de corpos reais

real-ficção
eterna disputa da beleza
que é karma, e pecado
é não se ajoelhar
neste altar
de resplandecência



THE EDUCATION OF THE INSTITUTION

Inspired by French models, art salons in Brazil have been organized since the end of the 19th century and, for a long period, reflected the restricted taste of an aristocratic intellectuality derived from the Empire. The format of these salons has endured and, along the years, structured acquisitions, calls and national awards, which ended up forming part of the collections of important Brazilian museums. Such collections contribute significantly to the constitution of a history of art from a single perspective.

To understand the limitations of this logic in the constitution of collections, it is worth retrieving the notion of museum as a space for preserving memory, with the mission of being more precise in relation to time than the clock itself. This space assumes significant responsibilities by choosing everything and everyone it exposes. In 2022 the definitions of museum developed by ICOM (International Council of Museums) have been updated, and the new version presents how important it is that these places are *accessible and inclusive and that they foster diversity and sustainability*. Recognizing the indispensable influence of salons in the composition of histories of art, how can an award play a role that does not limit itself to the taste of a small audience and influence the diversity of agents within the institution? What is there to teach and to learn for an art award like this one in Instituto Tomie Ohtake?

Teaching and learning in cultural venues tend to concentrate on the educational department teams. Acting directly with the publics, the programs developed by these work groups tend to provide access to scheduled or spontaneous visits and to teachers' continuous education, among numerous other initiatives, becoming one of the most important feedback and listening channels of the institution. Beyond this important communication channel through the education team, the institution needs to develop other means of welcoming its most diverse audiences, because, such as artists, curators and any other cultural agent, it is also educating itself constantly. The Tomie Ohtake Arts Award emerges, therefore, as a learning device for the institution, creating access to productions that, due to different reasons, have not participated in other collective and individual exhibitions.

Allowing oneself to be in a learning process is only possible as far as a plurality of agents is also established and, in this case, diversity within the jury members of the award is essential. The group that composes the selection process of this eighth edition is formed by 10 curators from different places in Brazil and has the breathtaking job of selecting 10 artists among almost 1,900 portfolios. The selection process demands attention and ethics in relation to productions that develop perspectives which do not

A EDUCAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

JÚLIA CAVAZZINI

Inspirados em modelos franceses, os salões de arte no Brasil acontecem desde o fim do século XIX e durante muito tempo refletiram um restrito gosto de uma intelectualidade aristocrática vinda do Império. O formato desses salões perdurou e, no decorrer dos anos, estruturou aquisições, editais e premiações nacionais, que acabaram compondo parte de acervos de grandes museus brasileiros. Esses acervos contribuem significativamente para a constituição de uma história da arte de um só ponto de vista.

Para compreender as limitações dessa lógica na constituição dos acervos, cabe resgatar a noção de museu como um espaço de preservação da memória, tendo a missão de ser mais preciso com o tempo do que o próprio relógio. Esse espaço assume significativas responsabilidades ao escolher tudo e todas as pessoas que expõe. Em 2022 as definições de museu feitas pelo ICOM (International Council of Museums) foram atualizadas, e nessa nova versão apresenta-se a importância de esses espaços serem *acessíveis e inclusivos, fomentando a diversidade e a sustentabilidade*. Reconhecendo a indispensável influência dos salões na composição de histórias da arte, como um prêmio de arte pode exercer uma função que não se limite ao gosto de um pequeno público e influencie na diversidade de agentes dentro da instituição? O que um prêmio de artes como o do Instituto Tomie Ohtake tem a ensinar e aprender?

O ensino e o aprendizado nos equipamentos culturais costumam se concentrar nas equipes dos núcleos educativos. Agindo diretamente com os públicos, as programações desenvolvidas nesses grupos de trabalho tendem a dar acesso a visitas agendadas ou espontâneas e à formação de professores, entre inúmeras outras iniciativas, tornando-se um dos principais retornos e canais de escuta da instituição. Para além desse importante canal de comunicação do educativo, a instituição precisa desenvolver outros meios de acolher seus mais diversos públicos, porque assim como artistas, curadores e qualquer agente cultural, ela também está em constante formação. O Prêmio Artes Tomie Ohtake aparece, portanto, como um dispositivo de aprendizado para a instituição, criando um acesso a produções que por diferentes motivos não participaram de outras mostras coletivas e individuais.

Permitir-se o processo de aprendizado só é possível na medida em que se estabelece também a pluralidade de agentes, e, neste caso, a diversidade no corpo do júri do prêmio é essencial. O grupo que compõe o processo seletivo nesta oitava edição é formado por 10 curadoras de diferentes lugares do Brasil e tem a vertiginosa função de selecionar 10 artistas dentre quase 1.900 portfólios. O processo de seleção exige atenção e ética em relação a produções que desenvolvem olhares que não se limitam

limit themselves to concepts that have been preestablished for years through academia and the market, thus recognizing relevant productions beyond the Rio-São Paulo axis criteria. After all, the award contemplates artists that reflect their time, from different points of view.

Seeking to recognize and encourage the production of the selected group of artists, the Instituto learns, from each new jury board and selected artists, a new set of aesthetic, geographic, political and social criteria. So, there is an indispensable responsibility in the institution's learning process, which, through the conception of an award such as this, incentivizes the production of artists from all over Brazil. As a listening channel, receiving this extensive number of portfolios teaches the institution that productions from completely diverse contexts yearn to integrate the circuit that Instituto Tomie Ohtake fosters. In the face of so many portfolios, we recognize the urgency of institutions participating in the encouragement of young artistic productions that, in different ways, reflect their time. In order to continue incentivizing the multiplicity of voices in the institution and its continuous education, which other possible devices can it develop so that it continues to educate itself?

aos conceitos preestabelecidos durante anos pela academia e o mercado, reconhecendo assim as relevantes produções para além dos critérios do eixo Rio-São Paulo. Afinal, a premiação contempla artistas que refletem seu tempo, a partir de diferentes pontos de vista.

Em um processo que busca reconhecer e incentivar a produção do grupo de artistas selecionado, o Instituto aprende a cada novo júri e de artistas que passam pela seleção novos critérios estéticos, geográficos, políticos e sociais. Existe assim a indispensável responsabilidade de ensino da instituição, que ao conceber um prêmio como esse incentiva a produção de artistas do Brasil inteiro. Como um canal de escuta, o recebimento da extensa quantidade de portfólios ensina à instituição que produções de contextos completamente diferentes têm o anseio de integrar um circuito o qual o Instituto Tomie Ohtake fomenta. Diante de tantos portfólios, reconhecemos a urgência da participação das instituições no incentivo de jovens produções artísticas e que de maneiras diferentes refletem seu tempo. A fim de continuar incentivando a multiplicidade de vozes na instituição e sua constante formação, quais outros possíveis dispositivos ela pode desenvolver para continuar a se educar?

It is an immense satisfaction recording my participation as a jury member of the 8th Tomie Ohtake Arts Award – Women Edition and sharing such a precious and arduous task with Aline Albuquerque, Júlia Cavazzini, Priscyla Gomes, Renata Bittencourt, Rita Vênus and Sallisa Rosa, professionals from the fields of art and education who reaffirm the political transformations that an award of this magnitude promotes in the arts system. In this very short account, I intend to highlight a few aspects of the experience of participating in this jury, hoping that the reader does not let escape from this panorama the dimensions of gender, race and class that precede and permeate me.

The starting point of this account is inviting you to elaborate ethically how this award, conceived by a notorious institution, may confront a project of obliteration of a society, of art and education. In a dehumanizing reality in which people are deprived from the plenitude of their citizenship and often of their capacity of producing knowledge, how do they talk back and articulate insurgent spaces for their peers?

Considering these questions, at each session of the jury members we imagined how the selection criteria could strengthen the argument of this award. I have noticed that we needed to find an unreserved courage in order to, despite a theme or program, add other ideas and questions about each artist's choice. We have addressed issues that emerged from the large volume of applications: from gender identity to ageism; from access to cultural goods to income distribution; from maternity to regional data. We have discussed and learned a little bit of everything so that it was actually possible to appreciate in the set, based on the diversity of applications, what collectively mobilized our argument.

Secondly, if, on the one hand, an award is able to project the ones who organize it and participate in it, on the other it establishes a process that reinforces a complex exercise of power. Those who point out who or what will be awarded may criticize, defend and validate a set of productions without having their choices refuted. In this sense, I have experienced the “transition from silence to speech”,¹ since being in the jury, to some degree, has also been a way of expressing our restlessness and intellectualities, of establishing ourselves as subjects and no longer objects of other people's speeches. Consequently, integrating the jury of the 8th Tomie Ohtake Arts Award has allowed me to tension my contribution in the establishment of this agenda, which is a lot larger and more urgent than I had supposed months ago.

Tenho a imensa satisfação de registrar minha participação como jurada do 8º Prêmio Artes Tomie Ohtake – Edição Mulheres e dividir essa tarefa tão preciosa e árdua com Aline Albuquerque, Júlia Cavazzini, Priscyla Gomes, Renata Bittencourt, Rita Vênus e Sallisa Rosa, profissionais dos campos da arte e da educação que reiteram as transformações políticas que um prêmio dessa magnitude promove no sistema das artes. Neste brevíssimo relato tenho a intenção de destacar alguns aspectos da experiência de participar deste júri, desejando que o/a leitor/a não deixe escapar desse panorama as dimensões de gênero, de raça e de classe que me antecedem e atravessam.

O ponto de partida deste registro está em convidá-lo/a a elaborar eticamente como este prêmio, pensado por uma instituição notória, pode confrontar um projeto de obliteração de sociedade, da arte e da educação. Como, em uma realidade de desumanização, na qual pessoas que são privadas da plenitude de sua cidadania, e muitas vezes são tolhidas em sua capacidade de produção de saber, erguem suas vozes e articulam espaços insurgentes para seus pares?

Pensando nessas questões, a cada sessão entre juradas se imaginava como os critérios de seleção poderiam fortalecer o discurso desta premiação. Percebi que precisávamos encontrar uma coragem parresíatica para que, a despeito de um tema ou programa, pudéssemos acrescentar outras ideias e indagações sobre a escolha de cada artista. Colocamos em pauta assuntos que emergiram do grande volume de inscrições. Da identidade de gênero ao etarismo; do acesso a bens culturais à distribuição de renda; da maternidade aos dados regionais. Discutimos e aprendemos de tudo um pouco para que realmente fosse possível apreciar no conjunto, com base na diversidade de inscrições, o que coletivamente mobilizou o nosso discurso.

Em segundo lugar, se, por um lado, um prêmio é capaz de projetar os entes organizadores e participantes, por outro instaura um processo que reitera um complexo exercício de poder. Aqueles que apontam quem ou o que será premiado podem criticar, defender e validar um conjunto de produção sem terem suas escolhas refutadas. Nesse sentido, experimentei a “transição do silêncio à fala”,¹ posto que ser do júri, em certa medida, também foi o modo encontrado de expressar nossas inquietudes e nossas intelectualidades, de nos colocarmos enquanto sujeitos e não mais sermos objeto da fala de outros. Por isso, integrar o júri do 8º Prêmio Artes Tomie Ohtake tem possibilitado tensionar a minha contribuição no estabelecimento dessa agenda, que é bem maior e urgente do que eu supunha meses atrás.

When faced with the opportunity of getting to know the jury and over five hundred trajectories, I understood that it would be more interesting to reflect on the selection in a way that would broaden my comprehension of this gesture and its objectives. I have recognized that, confronting the experience of silencing and making something invisible – a structural motto of our society –, we still live the consequences of the colonial enterprise, which separates territories and pacifies people and subjectivities into dualist and cis-heteronormative criteria. In the face of this scenario, transiting through a state of presence, resistance and protagonism, I was able to verify, through the list of awarded women, what the pedagogue Maria Clara Araújo dos Passos conceptualized: “The fight for the construction of critical-reflexive citizenships, able to think and intervene in society, permeates the field of knowledge, once the political-pedagogic practices of social movements build insurgent wisdom”.²

I trust Passos’ proposition – that it is through the interlacing between the political sphere, carried out by the jury, and the pedagogical sphere, carried out by Instituto Tomie Ohtake, that the participations of Clara Moreira, Guilhermina Augusti, Jasi Pereira, Josi, Maria José Batista, Marjô Mizumoto, Moara Tupinambá, Panamby, Terroristas del Amor and Vulcanica Pokaropa make way for an artistic and pedagogical praxis that is diverse and libertarian. So, I wish that the next editions of the Award continue to encourage ruptures, dilute historical barriers and, thus, reverberate many other free voices.

Ao deparar com a oportunidade de conhecer o júri e mais de quinhentas trajetórias, entendi que seria mais interessante pensar a seleção de modo a alargar minha compreensão sobre esse gesto e seus objetivos. Reconheci que, diante da experiência do silenciamento, da invisibilização, mote estrutural da nossa sociedade, ainda vivenciamos os desdobramentos do empreendimento colonial, que separa territórios e aplaca pessoas e subjetividades em critérios dualistas e cis-heteronormativos. Diante disso, transitando para um estado de presença, de resistência e de protagonismo, pude constatar pela lista de premiadas o que a pedagoga Maria Clara Araújo dos Passos conceituou: “A luta pela construção de cidadanias crítico-reflexivas, capazes de pensar e intervir na sociedade, perpassa o campo do conhecimento, uma vez que a práxis político-pedagógica dos movimentos sociais constrói saberes insurgentes”.²

Confio na proposição de Passos, de que é pelo entrelaçamento entre o político, feito pelo júri, e o pedagógico, feito pelo Instituto Tomie Ohtake, que a participação de Clara Moreira, Guilhermina Augusti, Jasi Pereira, Josi, Maria José Batista, Marjô Mizumoto, Moara Tupinambá, Panamby, Terroristas del Amor e Vulcanica Pokaropa abre caminhos para uma prática artística e pedagógica diversa e libertária. Assim, torço para que nas próximas edições o Prêmio continue encorajando rupturas, diluindo barreiras históricas, e assim reverbere muitas outras vozes livres.

1 bell hooks. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019, p. 39.

2 Maria Clara Araújo dos Passos. *Pedagogias das travestilidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022, p. 46.

ALINE ALBUQUERQUE

Vive e trabalha em Fortaleza. Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Mestre em Artes pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É mãe, artista visual, professora, ativista e pesquisadora do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (Lamur-UFC). Sua produção compreende temas relacionados a arte e política, arte e educação, ativismo, processos de criação coletivos e colaborativos, e micropolíticas urbanas. Atualmente coordena o Laboratório de Artes Visuais da Escola de Formação e Criação do Ceará – Porto Iracema das Artes.

Aline lives and works in Fortaleza. She has obtained a Bachelor's Degree in Visual Arts from the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) and her Master's Degree from the Universidade Federal do Ceará (UFC). She is a mother, a visual artist, a teacher, an activist and a researcher of the Arts and Urban Micropolitics Laboratory (Lamur – UFC). Her production includes themes related to art and politics, art and education, activism, collective and collaborative creative processes, as well as urban micropolitics. She currently coordinates the Visual Arts Laboratory of the School of Education and Creation of Ceará – Porto Iracema das Artes.

HORRANA DE KÁSSIA SANTOZ

Curadora de Pesquisa e Ação Transdisciplinar Coleção Ivani e Jorge Yunes na Pinacoteca do Estado de São Paulo, desenvolveu a programação pública e coordenou o programa “Atos modernos”. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2011), atua desde 2007 no desenvolvimento de novas práticas educativas em museus e espaços culturais, como arte-educadora, mediadora e assistente de curadoria. De 2013 a 2017 integrou o programa Fábricas de Cultura (SP) como assistente artístico-pedagógica e supervisora artístico-pedagógica. Atuou no núcleo de Mediação e Programas Públicos do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) entre 2017 e 2021, além de ter sido curadora da sala de vídeos do MASP. Foi júri na 11ª edição da Mostra 3M e na Chamada 2022–23 VoA para Artistas Mulheres e Pessoas Não Binárias.

Curator of the Ivani and Jorge Yunes Collection Transdisciplinary Action Research of the Pinacoteca do Estado de São Paulo, she has

developed the public programs and coordinated the “Modern acts” program. Horrana has obtained a Bachelor's Degree in Visual Arts from the Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2011), and has worked since 2007 in the development of new educational practices in museums and cultural spaces, as art educator, mediator and assistant curator. From 2013 to 2017, she integrated the Fábricas de Cultura program (SP) as artistic-pedagogical assistant and artistic-pedagogical supervisor. She worked in the department of Mediation and Public Programs of the Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) between 2017 and 2021, in addition to being the curator of MASP's video room. She was a jury member of the 11th edition of Mostra 3M and of the 2022–23 Call of the VoA Award for Women and Non-Binary Artists.

JÚLIA CAVAZZINI

É artista, educadora e curadora assistente no Instituto Tomie Ohtake. Trabalha com arte-educação desde 2012 em instituições culturais como Fundação Bienal, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e Serviço Social do Comércio (SESC). Coordenou grupos de estudos com artistas e educadores no Instituto Tomie Ohtake (Espaço Ativo) e no Instituto Adelina (Neblina). Fez parte da coordenação da plataforma de entrevistas 60'3”, desenvolveu o projeto educativo da 11ª Mostra 3M e trabalhou como tutora no curso de formação Arte Aplicada à Sociedade da Überbau. Atualmente é curadora da 6ª edição do projeto Arte e Sabor.

She is an artist, educator and assistant curator at Instituto Tomie Ohtake. She has been working with art education since 2012 in cultural institutions such as Fundação Bienal, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) and Social Service of Commerce (SESC). She has coordinated study groups with artists and educators at Instituto Tomie Ohtake (Espaço Ativo [Active Space]) and at Instituto Adelina (Neblina [Fog]). She has taken part in the coordination of the interview platform 60'3”, developed the educational project of the 11th Mostra 3M and worked as tutor in the course Art Applied to Society of the Überbau House. Currently, she is a curator of the 6th edition of the Art and Taste project.

PRISCYLA GOMES

Curadora e pesquisadora em artes e arquitetura, é graduada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), onde também concluiu seu mestrado. Concluiu também especialização em Arte e Filosofia. Atualmente, é curadora sênior do Instituto Tomie Ohtake e doutoranda em Estética, Historiografia e Crítica na Universidade de São Paulo. Curou diversas mostras e ministrou cursos no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), no Museu da Casa Brasileira (MCB) e no Instituto Tomie Ohtake. Em 2020 recebeu o Prêmio Jabuti na categoria “Artes” pela participação no livro *AI-5 50 Anos: ainda não terminou de acabar*. Curator and researcher of arts and architecture, she has obtained a Bachelor's and a Master's Degree from the School of Architecture and Urbanism of the Universidade de São Paulo (FAU-USP). She also specialized in Art and Philosophy. Currently, she is senior curator at Instituto Tomie Ohtake and carries out a Doctoral project in Aesthetic, Historiography and Critics at the Universidade de São Paulo. She has curated multiple shows and conducted courses at Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), Museum of the Brazilian House (MCB) and Instituto Tomie Ohtake. In 2020, she received the Jabuti Award in the “Arts” category for her participation in the book *AI-5 50 Anos: ainda não terminou de acabar* [AI-5 50 Years: It Is Not Over Yet].

RENATA BITTENCOURT

Gestora cultural e responsável pela área de Educação do Instituto Moreira Salles (IMS), é historiadora da arte, tendo desenvolvido pesquisas de mestrado e doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), investigando a representação do negro. Atuou no Itaú Cultural; na Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo; como Secretária da Cidadania e da Diversidade do Ministério da Cultura (MinC); como Diretora de Processos Museais no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC), e como Diretora Executiva do Instituto Inhotim. Foi contemplada pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) e pela Fulbright.

Cultural manager and responsible for the Education area of Instituto Moreira Salles (IMS), she is an art historian, having obtained a Master's and a Doctor's Degree from the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp),

investigating the representation of the black person. She has worked at Itaú Cultural; at the Secretariat of Culture and Creative Economy of the State of São Paulo; as Director of Museum Processes of Instituto Brasileiro de Museus [Brazilian Institute of Museums] (Ibram/MinC), and as Executive Director of Instituto Inhotim. She has been awarded by the Associação Paulista dos Críticos de Arte [São Paulo Association of Art Critics] (APCA) and by the Fulbright program.

RITA VÊNUS

Curadora de artes visuais e cinema. Sua pesquisa se debruça sobre os aspectos oraculares das imagens diurnas, noturnas e dos mapas. É curadora do Festival Janela Internacional de Cinema do Recife (2022) e assistente de curadoria da Oficina Francisco Brennand (desde 2021). É também membra da comissão de seleção brasileira do FestCurtasBH desde 2021. Foi assistente de curadoria da Residência Belo Jardim, no agreste de Pernambuco (2017–2018). Aos sábados, é cartomante.

Curator of visual arts and cinema. Her research is about oracle-like aspects of daytime, nighttime and map images. She was the curator of the 2022 edition of the Festival Janela Internacional de Cinema do Recife (2022) and has been assistant curator of the Francisco Brennand Workshop since 2021. She has also been a member of the commission that selects Brazilian productions for the FestCurtasBH since 2021. She was assistant curator of the Belo Jardim Residency, in the agreste biome of Pernambuco, between 2017 and 2018. On Saturdays, she is a fortune teller.

SALLISA ROSA

Sallisa Rosa (Goiânia, 1986) atualmente vive no Rio de Janeiro. Atua com a arte como caminho e experiências intuitivas, ficção, território e naturezas. A sua prática circula entre instalações com ênfase em interação e participação, trabalha com a terra em diversas materialidades como cerâmica e barro, também fotografia, vídeo e coleta.

Sallisa Rosa (Goiânia, 1986) currently lives in Rio de Janeiro. She works with art as a path as well as with intuitive experiences, fiction, territory and natures. Her practice circulates among installations with emphasis in interaction and participation. She works with earth on diverse matters such as ceramics and clay, in addition to photography, video and collecting.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Presidente Estatutário
Statutory President
Ricardo Ohtake

Conselho Deliberativo
Advisory Board
Flavia Almeida
presidente
president
Tito Enrique da Silva Neto
vice-presidente
vice president
Altamiro Boscoli
Antonio Meyer
Aurea Vieira
Daniela Villela
Fernando Morais
Fernando Shimidt
Heitor Martins
Jandaraci Araujo
João Vieira da Costa
Lilia Moritz Schwarcz
Luciana Trajano
Marlui Miranda
Paula Mello da Rocha Azevedo
Renata Motta
Roberto Miranda de Lima
Rodrigo Bresser-Pereira
Sergio Gusmão Suchodolski
Sueli Carneiro
Walter Appel

Conselho Fiscal
Fiscal Council
Miguel Gutierrez
Patricia Verderesi
Sérgio Miyazaki

Núcleo de Pesquisa e Curadoria
Research and Curatorship
Paulo Miyada
curador-chefe
chief curator
Priscyla Gomes
Júlia Cavazzini
Diego Mauro

Núcleo de Cultura e Participação
Culture and Participation
Carol Tonetti
diretora
director
Ana Karina Nogueira
Andrea Lalli de Freitas
Claudio Rubino
Dara Roberto
Divina Prado
Fernanda Beraldi
Guilherme de Lima
Jane Santos

Jordana Braz
Kaya Fernanda Vallim
Natália Vinhal
Natame Diniz
Renata Araújo
Sabrina Studart Fontenele Costa
Vera Nunes

Núcleo de Produção de
Exposições e Projetos
Exhibition and
Project Production
Vitoria Arruda
diretora
director
André Luiz Bella
Carolina Pasinato
Karina Mignoni
Ligia Pedra
Lucas Fabrizzio
Pedro Lemme
Ricardo Miyada
Rodolfo Borbel Pitarello

Administração e
Desenvolvimento Institucional
Administration and
Institutional Development
Gabriela Moulin
diretora
director

Administração
Administration
Bruno Damaceno
Carlito Oliveira Junior
Olyver Silva Martins
aprendiz
junior apprentice
Tatiane Romani
Willian dos Santos

Projetos
Projects
Beatriz Saghaard
Beatriz Lima de Jesus
aprendiz
junior apprentice

Captação
Fundraising
Julia Bergamasco
Ana Paula Silva
Rafael Pinheiro

Designer
Designer
Vitor Cesar Junior
Felipe Carnevalli de Brot

Tecnologia da Informação
Information Technology
Wesley Pereira da Silva

Secretaria
Secretarial Services
Maria de Fátima Rocha

Comunicação
Communication
Flávio Silva
Vaneska Rezende

Assessoria de Imprensa
Press Relations
Pool de Comunicação
Marcy Junqueira
Martim Pelisson

Coordenação Operacional
Coordination of Operation
Marcos Sutani

Apoio
Security
Alessandro Oliveira
Bruna Silva
Cristiane Aparecida Santos
Edmilson Pereira
Edna Cristina Simão
Edson José
Elcio Borges
Eliane Karsch Firmino
Elza Martins
Fábio Araújo
Jonas Pires
Leticia Ribeiro da Silva
Marcelo Mariano
Raiana Ramos
Silvia Regina
Steven Washington
Tainara de Jesus Veloso
Vandoclécio Vicente

Técnica
Technical Support
Adilson Oliveira
Jacildo A. Paula
Jeferson Souza
Silvio S. Lima

Serviços Gerais
General Services
Elizandro Ferreira
Jairo Nascimento
Luciene Monteiro
Maria Aparecida da Silva
Maria Severina Gomes
Sebastião Alves Silva

Zelador
Caretaker
Aroldo Eça
Valdir Ramos

EXPOSIÇÃO
EXHIBITION

Produção
Production
Vitoria Arruda
Carolina Pasinato
Karina Mignoni

Projeto Expográfico
Exhibition Project
Lucas Fabrizzio
Rodolfo Borbel Pitarello

Design Gráfico
Graphic Design
Ligia Pedra

Restauração e Conservação
Restoration and Conservation
Ângela Freitas

Montagem
Art Handlers
Ricardo Soares
Elias Joaquim da Silva
Jeferson Luiz da Silva
Luiz Fernando Quintanilha

Iluminação
Lighting Design
Marcos Cicerone

CATÁLOGO
CATALOGUE

Organização
Organization
Carol Tonetti
Priscyla Gomes
Sabrina Studart Fontenele Costa

Coordenação
Coordination
Vitoria Arruda
Carolina Pasinato
Karina Mignoni

Design Gráfico
Graphic Design
Ligia Pedra

Textos
Texts
Aline Albuquerque
Carol Tonetti
Horrana de Kássia Santoz
Júlia Cavazzini
Priscyla Gomes
Renata Bittencourt
Rita Vênus
Sabrina Studart Fontenele Costa
Sallisa Rosa

Edição e preparação de textos
Text Edition and Preparation
Armando Olivetti

Revisão
Proofreading
Isabela Maia

Tradução
Translation
Isabela Maia

Fotografia
Photography
Ricardo Miyada

Impressão
Press
BMF Gráfica

8º PRÊMIO ARTES TOMIE OHTAKE
8TH TOMIE OHTAKE ARTS AWARD

Coordenação
Coordination
Carol Tonetti
Sabrina Studart Fontenele Costa

Produção
Production
Ana Karina Nogueira
Laise Frasão
Victor Constantino

Este catálogo foi publicado por ocasião da exposição **8º PRÊMIO ARTES TOMIE OHTAKE**, realizada no Instituto Tomie Ohtake, de 19 de novembro de 2022 a 5 fevereiro de 2023.

This catalogue was published on the occasion of the exhibition **8TH TOMIE OHTAKE ARTS AWARD**, held at Instituto Tomie Ohtake, from November 19, 2022 to February 5, 2023.

© Instituto Tomie Ohtake
INSTITUTO TOMIE OHTAKE
Complexo Aché Cultural
Rua Coropés, 88
Pinheiros – São Paulo
(11) 2245-1900
www.institutotomieohtake.org.br
instituto@institutotomieohtake.org.br
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

8º Prêmio Artes Tomie Ohtake - 8th Tomie Ohtake Arts Award / [organização/organization Carol Tonetti, Priscyla Gomes, Sabrina Studart Fontenele Costa; coordenação/coordination Vitoria Arruda, Carolina Pasinato, Karina Mignoni; tradução/translation Isabela Maia]. -- 1.ed. -- São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2022.

Vários autores.
Vários colaboradores.
Edição bilíngue: português/inglês.
ISBN 978-65-89342-29-8

1. Artes plásticas - Exposições - Catálogos
2. Artes visuais 3. Prêmio de Artes Tomie Ohtake
I. Tonetti, Carol. II. Gomes, Priscyla. III. Costa, Sabrina Studart Fontenele. IV. Arruda, Vitoria. V. Pasinato, Carolina. VI. Mignoni, Karina.
VII. Título: 8th Tomie Ohtake Arts Award.

22-139475

CDD-730.098161

Índices para catálogo sistemático:

1. Prêmio de arte: Instituto Tomie Ohtake:

São Paulo: Estado 730.098161

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB- 1/3129

80

ARTS

AWARD



PRE

RTES

HTAK